

SABER

# Cooperar

*A revista do cooperativismo*



Sistema **OCB**  
CNCOOOP - OCB - SESCOOP

*O Coop  
é mais!*

*Novos mercados*

Apex e OCB fazem  
acordo de incentivo à  
exportação cooperativista

*Quanta luz*

Cooperativas levam  
energia a 400 mil famílias  
no Rio Grande do Sul

*Superação*

Conheça Ana Paula Ferreira (foto)  
e outros quatro cooperados que  
saíram mais fortes de 2020

**Vem ser coop!**  
Tudo ao  
seu redor já é.



VEM COM A GENTE  
[somos.coop.br](http://somos.coop.br)



somoscoop

**O cooperativismo está em toda parte.** Está no alimento que você come e em todo o caminho que ele percorre até chegar na sua mesa. Está também no transporte que você usa, nas viagens que você faz, na indústria e até na geração de energia elétrica. É um modelo de negócio que gera renda para muita gente. É desenvolvimento econômico e também social. É crescer junto: pessoas, cooperativa e a comunidade inteira. Os cooperados? São mais de quinze milhões de brasileiros.

**O Guga já faz parte. E você também pode fazer.**

Acesse nossas redes e descubra o que mais o coop pode fazer por você e pelo país.

## Números desta edição

**35** cooperativas  
citadas de

**9** estados brasileiros, das  
cinco regiões do Brasil.

**5** ramos  
do cooperativismo:

- Agropecuário
- Crédito
- Infraestrutura
- Saúde
- Trabalho, Produção de Bens e Serviços

### COMO ACESSAR OS RECURSOS MULTIMÍDIA



Tendo o aplicativo de QR Code instalado em seu celular, basta abri-lo e direcionar a câmera do aparelho em direção ao código. Escaneie e espere o aplicativo direcioná-lo para o conteúdo.

# Inspiração

## PRA COMEÇAR 2021 EM GRANDE ESTILO

Amigo cooperativista,

Enfrentamos, juntos, um ano difícil. 2020 ficará marcado na mente e no coração de muitos de nós como um período de perdas, de reclusão, de mudança de protocolos e processos. Superação e adaptação foram palavras-chave nesse período e, como gosto de ressaltar, é nas crises que o cooperativismo mais aparece e se sobressai. Por isso, no ano que passou, encontramos diversas maneiras de estar mais perto de você, ainda que a distância. E isso aconteceu aqui, na nossa revista Saber Cooperar, que deixou de ser impressa para ganhar maior visibilidade na internet.

A primeira edição digital da revista foi ao ar em agosto de 2020 e alcançou mais de 5 mil usuários únicos em 12 países. E esses números não param de crescer! No último dia 31 de dezembro, a audiência da Saber Cooperar tinha chegado aos 32 mil usuários únicos por mês em 80 países. Sabe o que isso significa? Que as histórias das nossas cooperativas começaram a ganhar o mundo. E para garantir que elas inspirem cada vez mais pessoas a serem coop, nossa equipe caprichou bastante nesta primeira edição de 2021.

Nossa matéria de capa conta a história de cinco brasileiros — um de cada região — que superaram os obstáculos impostos pela pandemia de Covid-19, graças ao apoio de uma cooperativa. Mais uma prova incontestável de que cooperar é sempre o melhor remédio, como

bem disse uma das entrevistadas desta edição, Monja Coen.

Outra história para lá de inspiradora é a de um menino peruano que, aos 7 anos, abriu um banco cooperativo apenas para crianças. Sua ideia era diminuir a pobreza, ajudar outros meninos e meninas a poupar e, ao mesmo tempo, contribuir para a sustentabilidade do planeta por meio da coleta de materiais recicláveis. A instituição que teve início em 2012 com 20 cooperados, hoje tem 5.830 sócios.

Para completar, trouxemos um case de intercooperação, direto de Minas Gerais. Quatro cooperativas se uniram e, com o Sistema Ocemg, pretendem construir usinas solares que garantam autossuficiência energética. Solidários, eles decidiram que o excedente será doado à Santa Casa de Misericórdia, em Belo Horizonte. Mais uma história que mostra a maneira cooperativista de enxergar o mundo: unindo esforços em prol do bem de todos.

Assim, queremos começar 2021: repletos de notícias que tragam a importância do nosso trabalho — em especial, em períodos de crise — no dia a dia de milhares de pessoas ao redor do mundo. Desejo a você, amigo cooperativista, um novo ano mais sereno e com saúde em abundância.

Um forte abraço e boa leitura!

**Marcio Lopes de Freitas**  
Presidente do Sistema OCB

**SESCOOP  
CONSELHO NACIONAL**  
• Márcio Lopes de Freitas – presidente

**REPRESENTANTES OCB**  
**Região Centro-Oeste**  
• Celso Ramos Régis – titular  
• Luis Alberto Pereira – suplente

**Regiões Norte e Nordeste**  
• Cergio Tecchio – titular  
• José Merched Chaar – suplente

**Região Sudeste**  
• Edivaldo Del Grande – titular  
• Pedro Scarpi Melhorim – suplente

**Região Sul**  
• Luiz Vicente Suzin – titular  
• Leonardo Boesche – suplente

**Conselheiros Representantes dos Empregados em Cooperativas**  
• Mauri Viana da Silva – titular  
• Nivair de Castro de Souza – suplente

**REPRESENTANTES DO EXECUTIVO**  
**Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento**  
• Fernando Henrique Kohlmann Schwanke – titular  
• Fabiano Maluf Amui – suplente

**Ministério da Economia**  
• Danilo Soares Pacheco de Medeiros – titular  
• Andréia Lúcia Araújo da Cruz de Carvalho – suplente  
• Geanluca Lorenzon – titular  
• Alex Pereira Freitas – suplente  
• Gabriela de Souza Valente – titular  
• Roberta Carolina Rios Bosco Soares – suplente  
• Adão José Correa Paiani – titular  
• Joel Amaral Júnior – suplente

**CONSELHO FISCAL DO SESCOOP  
REPRESENTANTES DA OCB**  
• João Teles de Melo Filho – titular  
• José Aparecido dos Santos – titular  
• Alexandre Gatti Lages – suplente  
• José Ronkoski – suplente

**Conselheiros representantes dos empregados em cooperativas**  
• Raphael Miguel da Silva – titular

**REPRESENTANTES DO EXECUTIVO**  
**Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento**  
• Marcio Eli Almeida Leandro – titular  
• Mara Marlene Machado Papini – suplente

**Ministério da Economia**  
• Luiza Lemos Roland – titular  
• Luciana Maria Rocha Moreira – suplente  
• Antônia Tallarida Serra Martins – titular  
• Rogério Nagamine Costanzi – suplente

**SISTEMA OCB**  
No Brasil, o movimento cooperativista é representado oficialmente pelo Sistema OCB, composto por três entidades complementares entre si:

- ✓ **Confederação Nacional das Cooperativas (CNCoop)** – órgão de representação sindical das cooperativas, composto também por federações e sindicatos.
- ✓ **Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB)** – entidade representativa do cooperativismo no país, responsável pela promoção, pelo fomento e pela defesa do sistema cooperativista em todas as instâncias políticas e institucionais, no Brasil e no exterior.
- ✓ **Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (Sescoop)** – integrante do Sistema S, responsável pela formação profissional, pela promoção social e pelo monitoramento das cooperativas.



A revista *Saber Cooperar* é uma publicação do Sistema OCB, realizada com recursos do Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (Sescoop) e distribuída gratuitamente em todo o Brasil.

**Gerente de Comunicação:** Daniela Lemke

**Conselho Editorial:** Fernando Ripari, Juliana Gomes de Carvalho, Karla Oliveira, Malaquias Ancelmo de Oliveira, Maria José de Andrade Leão, Renato Nobile, Rosana Vargas, Samuel Zanello Milléo Filho e Tânia Zanella

**Jornalista responsável:** Gisele James

**Colaboração:** Ana Suelen Troiano, Aurélio Prado, Cristiano Hosannah de Carvalho, Gabriela Prado e Iago Carvalho

**Projeto gráfico e editorial**



**Edição:** Guaira Flor e Lilian Beraldo

**Diagramação:** Vanessa Kassabian

**Repórteres:** Alessandro Mendes, Amanda Cieginski, Débora Brito, Lillian Beraldo, Luciana Vieira, Mariana Branco, Paula Andrade, Rita Frazão e Tchéréna Guimarães

**Capa:** Fernando Segtowitz (foto)

**Ilustrações:** Kleber Sales

**Revisão:** Luciana Pereira

**Impressão:** Mais Soluções Gráficas Eireli ME

**Sistema OCB:** Setor de Autarquias Sul – SAUS Qd. 4 Bl. "I"  
CEP 70070-936 – Brasília-DF (Brasil) – Telefone: +55 (61) 3217-2119  
E-mail: revistasabercooperar@sescoop.coop.br



**6** *Acontece*  
**NOTÍCIAS NA PALMA DA MÃO**



**14** *Conexão internacional*  
**A INCRÍVEL HISTÓRIA DO MENINO QUE VIROU BANQUEIRO**



**36** *Somoscoop*  
**TRANSFORMAÇÃO PELO COOPERATIVISMO**



**50** *Perfil*  
**RITA MUNDIM**

**NESTA Edição**



**8** *Entrevista*  
**FAZENDO DO LIMÃO UMA LIMONADA**



**18** *Especial*  
**A CURA ESTÁ NA COOPERAÇÃO**



**28** *Inovação*  
**EM BUSCA DA AUTONOMIA**



**38** *Três poderes*  
**OLHOS ATENTOS NA POLÍTICA**



**46** *Intercooperação*  
**SEMEANDO ELETRICIDADE**



**56** *Melhores Práticas*  
**FAZER O BEM TRANSFORMA**



**69**

*Artigo*  
**FABIOLA NADER**



**64**

*De olho no mercado*  
**FERRAMENTAS PARA CONQUISTAR O MERCADO INTERNACIONAL**

## Destaque em excelência: Prêmio SomosCoop 2021

Estão abertas as inscrições para a edição 2021 do Prêmio SomosCoop Excelência em Gestão. A premiação ocorre a cada dois anos e é o reconhecimento, em nível nacional, das cooperativas que mais promovem o aumento da qualidade e da competitividade do nosso modelo de negócio. Segundo Susan Vilela, gerente de Desenvolvimento Organizacional do Sescoop, uma das mudanças para esta edição está nas visitas realizadas às cooperativas. "Visando a segurança e a saúde dos participantes, as visitas serão realizadas de forma virtual. Com esse novo jeito, além de garantir o bem-estar de todos, será possível aumentar o número de cooperativas avaliadas", explica. Outra novidade é o Destaque Busca pela Excelência. Ao todo, 10 coops – duas de cada região – serão escolhidas e receberão a menção honrosa. As cooperativas podem se inscrever, pela internet, até o dia 30 de abril.



PRÊMIO  
Somos  
COOP  
EXCELÊNCIA EM GESTÃO



Saiba mais  
no site do  
Prêmio:



## Cãolaborador Sicoob é o primeiro pet a ser registrado em cartório de cidade mato-grossense

Um colaborador do Sicoob pra lá de especial ganhou, em fevereiro, uma certidão de registro no cartório do 1º ofício em Primavera do Leste, Mato Grosso. O golden retriever Bud faz parte do Projeto Cãolaborador, cujo objetivo é criar um ambiente mais acolhedor e seguro para o Sicoob Primavera. Agora, com a certidão regularizada, Bud também tem garantido seus direitos – e abre portas para que outros animais

de estimação tenham assegurada uma vida de bons tratos. "A nossa cooperativa se preocupa com as causas animais, e o Bud é o embaixador do projeto Sicoopets que tem o objetivo de garantir alimento e água potável aos animais de rua", destaca o presidente do Sicoob Primavera, Edson Luiz Dapper. O registro da Declaração de Guarda de Animais de Estimação em Títulos e Documentos tem um viés puramente protetivo, dando publicidade à guarda e tornando mais fácil identificar os responsáveis em caso de abandono e maus tratos.

## Seis cooperativas brasileiras estão entre as maiores do mundo

A Aliança Cooperativa Internacional (ACI) e o Instituto Europeu de Pesquisa em Cooperativas e Empresas Sociais (Euricse) lançaram, em janeiro, a 9ª edição do Monitor Global de Cooperativas. O relatório, que conta com o apoio da OCB, explora o impacto econômico e social das maiores cooperativas do mundo. O documento traz dois rankings das 300 maiores cooperativas: um com base no faturamento e outro, na proporção entre o volume de negócios e o Produto Interno Bruto (PIB) per capita do país. O segundo ranking permite chegar ao tamanho relativo das empresas ao relacionar faturamento com os níveis de riqueza econômica da nação. Seis cooperativas brasileiras figuram no Top 300 do Monitor Global: Coopersucar SA, Coamo, Sicredi e C. Vale (nos dois rankings) e Central Nacional Unimed e Coop – Cooperativa de Consumo (no ranking de faturamento/PIB).



Quer conhecer o  
Monitor Global de  
Cooperativas? Veja aqui  
o documento em inglês:

## Cooperativas são selecionadas para Programa Agro 4.0

Três cooperativas foram selecionadas no edital do Programa Agro 4.0, da Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial (ABDI). Duas são do Paraná: a Cocamar, de Maringá, e a Lar, de Medianeira. A outra é a Cotrijal, de Não-Me-Toque (RS). Os projetos das coops fazem parte de uma lista com 14 ideias que envolvem a adoção e a difusão de tecnologias 4.0 que vão receber um investimento total de R\$ 4,8 milhões. Ao todo, 100 propostas foram inscritas. A Cocamar foi selecionada na categoria Processamento; a Lar e a Cotrijal estão listadas na categoria Produção e Colheita.



## Estreitando laços cooperativos

O ano começou com boas perspectivas internacionais para o nosso cooperativismo. No fim de janeiro, a Cooperativa de Fertilizantes dos Agricultores Indianos (IFFCO) – a maior cooperativa da Índia e a maior do mundo no segmento de fertilizantes, com faturamento de US\$ 32 bilhões, em 2020 – revelou interesse em estreitar parcerias com o nosso movimento cooperativista, em especial, o ramo agrícola. O intuito é realizar intercâmbios na área de tecnologia agrícola e distribuição de insumos. Ainda este ano, a IFFCO pretende organizar, em Nova Délhi, o Encontro das Cooperativas dos Países do Brics – grupo de países emergentes formado por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul. O chamado Brics Coop, marcado para novembro, deve reunir cooperativas dos cinco países para rodadas de negócios e benchmarking.



# Fazendo do limão

## UMA LIMONADA

EM ENTREVISTA EXCLUSIVA, DOIS EXPOENTES DO COOPERATIVISMO FALAM SOBRE AS PERSPECTIVAS DO MUNDO PÓS-PANDEMIA E SOBRE OS DESAFIOS QUE SERÃO ENFRENTADOS (E VENCIDOS) POR NOSSAS COOPERATIVAS

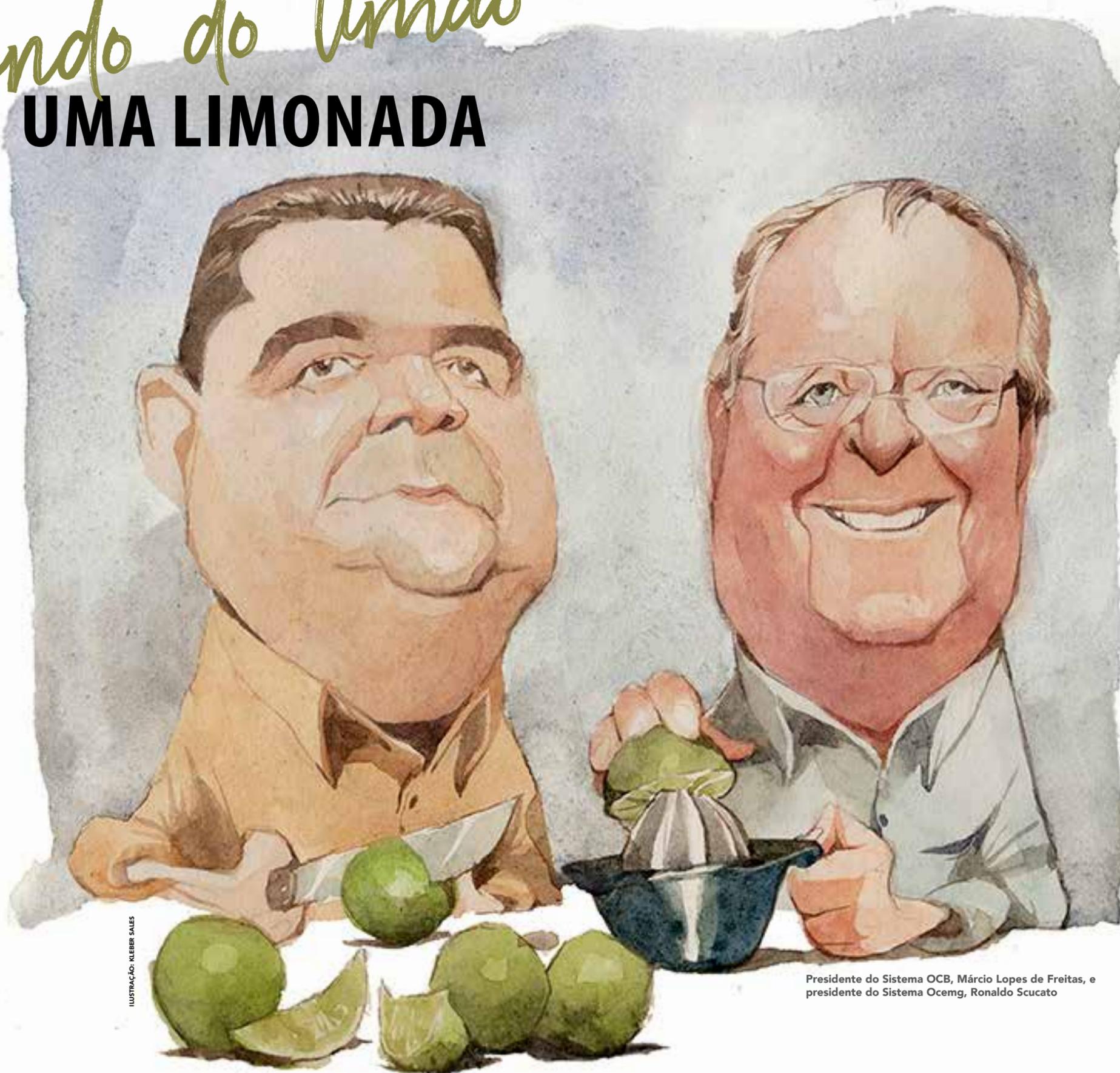


ILUSTRAÇÃO: KLEBER SALES

Presidente do Sistema OCB, Márcio Lopes de Freitas, e presidente do Sistema Ocemg, Ronaldo Scucato

Por Paula Andrade

O ano de 2020 passou como um verdadeiro tsunami mundial. Varreu economias, empregos e até a vida de bilhões de pessoas em todo o mundo. As expectativas para 2021 são grandes: vacinas, reorganização, reconstrução. Porém, ainda haverá muita ressaca para ser curada, e dificilmente a vida em sociedade será como era antes.

Grandes mudanças vieram como o teletrabalho, a digitalização dos processos e os novos hábitos de convivência social. O universo virtual chegou para ficar em todos os setores da vida em sociedade. Será que as cooperativas estão preparadas? O Brasil está preparado? O que podemos esperar?

Para responder essas e outras perguntas, convidamos dois expoentes do sistema cooperativo: o presidente do Sistema OCB, Márcio Lopes de Freitas, e o presidente da Organização das Cooperativas do Estado de Minas Gerais (Ocemg), Ronaldo Scucato. Confira:

**Qual é a sua expectativa para 2021, em termos econômicos e políticos, tanto para o País como para as cooperativas?**

**Márcio Lopes de Freitas:** Eu não tenho dúvidas de que o ano de 2021 será de grandes oportunidades. Não vamos nos iludir que teremos uma volta para a humanidade antiga, porque o que está acontecendo é uma transformação nos tecidos fundamentais da sociedade. Ocorreram mudanças de valores, de

**“NÃO SERÁ UM ANO FÁCIL,  
MAS, SE AS COOPERATIVAS  
PERMANECEREM  
ORGANIZADAS, UNIDAS,  
VAMOS CONSEGUIR  
SUPERAR ESSES DESAFIOS  
E ATRAVESSAR 2021  
MELHOR DO QUE COMO  
ATRAVESSAMOS 2020.”**

**Márcio Lopes de Freitas,**  
presidente do Sistema OCB



princípios, instituições perderam força e houve um fortalecimento da economia participativa. Eu antevio o surgimento de uma nova humanidade, com novos interesses e novas oportunidades. E acho que o cooperativismo tem tudo a ver com essa nova humanidade, com essas novas gerações. Eu acredito muito nisso e acredito que nós — sabendo nos organizar e trabalhar com integridade, inovação e sustentabilidade — vamos continuar avançando no pós-pandemia.

**Ronaldo Scucato:** As expectativas são sempre as melhores. Como sempre digo, sou um incorrigível otimista. O ano de 2020 foi desafiador, com dificuldades no ambiente político, queda no PIB e uma pandemia mundial. Apesar de o agronegócio ter sobressaído, muitos empreendimentos sofreram demais com a crise. Contudo, a economia já começa a dar sinais de recuperação. Acreditamos que a tendência é de que tenhamos um pouco mais de estabilidade em 2021, na certeza de que o país voltará a crescer, apoiado pelo desenvolvimento das cooperativas. Este é um setor que tem mantido crescimento, mesmo diante de cenários improváveis, como os que estamos vivenciando. De nossa parte, continuaremos atuando incansavelmente em prol do desenvolvimento do setor, sabendo que com isso milhares de pessoas e a própria economia serão beneficiadas. Afinal, o cooperativismo é, de fato, a suprema esperança daqueles que sabem que há uma questão social a resolver e uma revolução a evitar.

**Quais deveriam ser as prioridades das cooperativas em 2021?**

**MLF:** A principal prioridade é continuar trabalhando bem, como as cooperativas fizeram em 2020, sendo capazes de liderar com confiança e superação, fatores que ajudaram a mitigar os efeitos da pandemia. Então, acho que o primeiro esforço é no sentido de continuar com a cabeça erguida, com a certeza de que somos capazes de superar desafios, e encarar o ano de 2021 como o ano de superar os desafios. Tem muita coisa para ser feita. Não será um ano fácil, mas, se as cooperativas permanecerem organizadas, unidas, vamos conseguir superar esses desafios e atravessar 2021 melhor do que como atravessamos 2020.

**RS:** As prioridades continuam sendo atuar pelo crescimento e pelo desenvolvimento. Cada ramo tem suas peculiaridades, mas todos estão se organizando para continuar avançando também em 2021. De maneira geral, todas as cooperativas estão atentas às oportunidades advindas da profissionalização da

gestão e adaptabilidade em relação às adversidades de mercado.

**Quais desafios as cooperativas podem esperar para 2021?**

**MLF:** Eu acho que as ressacas da pandemia terão um efeito muito forte. Talvez a questão sanitária seja parcialmente resolvida, com as vacinas e com os erros e acertos das políticas públicas. Mas, vai ficar para nós uma ressaca de um país que já vinha com uma dificuldade econômica e teve de gastar algumas centenas de bilhões de reais para se manter em pé durante 2020. Essa conta vai chegar e, não tenha dúvidas, de que ela será despejada na sociedade. Temos de estar preparados para isso. Temos de estar confiantes, mas preparados para um ano duro. Devemos ter menos crédito rural na praça, teremos de criar novos mecanismos para financiar a agricultura. Precisaremos ter uma operação mais criativa e inovadora nas cooperativas de crédito para superar essa nova geração de *startups* e *fintechs* que estão surgindo. O cooperativismo terá de estar muito pronto e preparado técnica e profissionalmente para superar isso.

**RS:** As cooperativas conseguiram enfrentar as incertezas de 2020 e vencer grandes obstáculos. No caso dos ramos Agropecuário e Transporte — especialmente o de carga —, registramos crescimento acentuado. Outros ramos, como o Crédito e a Saúde, conseguiram se manter estáveis, fruto de gestões austeras e cautelosas. Já o ramo Trabalho, Produção de Bens e Serviços talvez tenha sido o que mais foi impactado pela pandemia, em virtude do ambiente do mercado de trabalho desfavorável. Por isso, creio que os obstáculos para 2021 tendem a ser menores, pois a estimativa para o PIB é positiva e a inflação, que cresceu em 2020, deve cair para a casa dos 3%. Somado a um maior controle das contas públicas, acredito que o ambiente de negócios tende a ser mais favorável para todos os segmentos da economia, considerando a possibilidade da implementação do plano de vacinação em todo o país. O grande desafio das cooperativas será exatamente se ajustar à nova ordem econômica e social, decorrente da pandemia.

**Podemos esperar algum avanço em termos de políticas públicas para as cooperativas em 2021, ou ainda estaremos sofrendo com a ressaca econômica de 2020?**

**MLF:** Eu gostaria de falar que vamos ter progressos nas políticas públicas, mas vai ser um ano de jogar muito mais na retranca do que no ataque. Não que

os avanços estejam descartados. Estamos prontos para as oportunidades e o Sistema OCB está muito organizado institucionalmente para defender a pauta cooperativista.

**RS:** O ano de 2020 teve um papel importante no tocante à percepção e constatação por parte do Poder Público e da sociedade brasileira em relação à importância do cooperativismo para o nosso país. É inegável a contribuição do ramo Agropecuário, responsável por mais de 50% da produção do país; o ramo Crédito socorreu as pequenas e microempresas com muito mais intensidade e agilidade do que os bancos. Acredito que esse contexto contribuirá para reforçar a inserção e ampliação do cooperativismo nas políticas públicas, com maior atenção para os agricultores familiares, no setor agropecuário. O próprio ambiente político ficará, na minha opinião, mais favorável ao cooperativismo, por se tratar de um setor estratégico para o desenvolvimento econômico sustentável do país.

**Em quais projetos tramitando no Legislativo vocês estarão de olho em 2021?**

**MLF:** Teremos uma conta econômica a pagar em 2021 e quem primeiro vai querer recompor o seu caixa será o governo, o Executivo Federal. Então, me preocupa, em primeiro lugar, a Reforma Tributária. Temos que fazer um esforço muito grande, não para que a gente tenha um tratamento diferenciado, mas para que o ato cooperativo — a relação entre a cooperativa e o cooperado — tenha o adequado tratamento tributário, com justiça. Muitas vezes, o Poder Público não reconhece o fato de a cooperativa ser parte do cooperado; então, ele tributa duas vezes. Por isso, a preocupação pontual seria a Reforma Tributária, e tudo que advém disso.

Além dela, hoje acompanhamos pelo menos 800 projetos em tramitação no Legislativo que influenciam a vida das cooperativas. Desses, nós elencamos na nossa agenda prioritária em torno de 60 projetos, em que o principal é a Reforma Tributária, mas que tem outros, como a Reforma Administrativa, a possibilidade de as cooperativas participarem um pouco mais da força de trabalho nos processos de privatização, nos processos de “desinchaço” do Estado. Estamos acompanhando e preparados para esse jogo.

**RS:** A atenção especial deverá ser dada à Reforma Tributária, uma vez que ela terá impacto em todo o setor produtivo, e não será diferente com o cooperativismo. Nesse sentido, temos que estar atentos para que o previsto na Constituição Federal, ou seja, o adequado tratamento tributário ao ato coo-

perativo seja de fato implementado. Os projetos de lei que compõem e/ou comporão todo o processo da reforma tributária merecem não só nossa atenção, mas nossa atuação por meio da interlocução com o parlamento, apoiada sempre pela Frencoop. Aqui em Minas Gerais, estamos em permanente diálogo com os parlamentares, em todos os níveis, pois, ainda que a legislação federal seja preponderante, ela influencia e impacta as legislações dos estados e dos municípios.

**Entre os segmentos das cooperativas, quais setores terão mais espaço para avançar em 2021, e por quê?**

**MLF:** Acho que todos os setores continuarão se desenvolvendo, com destaque para três ramos: Agropecuário, Crédito e Saúde. As cooperativas, hoje, são responsáveis por cerca de 54% da produção agropecuária brasileira. Outro setor com desempenho consagrado é o Crédito, que em 2020 cresceu acima dos bancos comerciais, e deve continuar assim em 2021. Afinal, as cooperativas continuam inspirando confiança, tratando o cooperado como pessoa e não como número, e isso é um diferencial incrível neste momento de crise.

Mais um segmento que já está se destacando é o da Saúde. Essas cooperativas estão no olho do furacão, passaram por problemas econômicos, por conta da pandemia e do cancelamento de contratos, já que muitos trabalhadores perderam sua fonte de renda. Só que, durante todo o ano de 2020, nunca se ouviu uma queixa dos usuários desses sistemas. O profissionalismo com o qual nossas cooperativas de saúde lidaram com a pandemia superou todas as dificuldades econômicas, e elas acabaram se fortalecendo.

**RS:** Acredito que os setores mais organizados e verticalizados, como é o caso de Crédito e Saúde, seguirão despontando na oferta de produtos e serviços de qualidade que trarão ainda mais segurança à população. O ramo agropecuário deve ter um bom ano, mas os resultados não devem alcançar as margens de crescimento históricas de 2020. Some-se a isso o fator seca, que pode impactar em até 30% os resultados da safra do café em 2021. Já as cooperativas de transporte de carga continuarão firmes, viabilizando as entregas e a logística em nosso país. Para os demais segmentos, será um ano de retomada, mas também considero que de boas perspectivas, de modo geral.

**Enquanto milhares de empresas fecharam suas portas, por conta da pandemia, as cooperativas continuam sendo constituídas e gerando emprego. Por que isso aconteceu?**

**MLF:** Na verdade, as cooperativas precisaram se manter muito ativas, porque nossa principal responsabilidade é cuidar bem do nosso cooperado. Enquanto um banco comercial se preocupa em garantir o seu capital, uma cooperativa coloca como prioridade as pessoas. Por isso, elas continuam emprestando e criam produtos para ajudar seus cooperados a superar esse momento de crise. Outro exemplo do cuidado das cooperativas com as pessoas é o setor agrícola. Em um frigorífico comercial, se o consumidor para de comprar frango, ele simplesmente para de comprar esse produto. Na cooperativa, não. Afinal, o frango vem do cooperado e, se ela parar de comprar o produto, o cooperado ficará sem renda, e ele é o dono do negócio. Por isso, as cooperativas fazem tudo o que está ao seu alcance para arrumar mercado para esse frango e manter a renda dos cooperados. Esse compromisso do cooperativismo com as pessoas é que torna o nosso modelo de negócios tão humano e sustentável.

**RS:** As cooperativas são empreendimentos sólidos, bem geridos e administrados de maneira coletiva e cautelosa. Nossas cooperativas seguiram se profissionalizando, buscando oportunidades em meio à crise e se destacando, especialmente em função de sua proximidade com as comunidades locais. As cooperativas de crédito, por exemplo, em muitos municípios, sustentaram os comerciantes locais viabilizando linhas de crédito especiais para amenizar a crise econômica. O trabalho não parou: pelo contrário, tivemos que nos reinventar para seguindo resultados. Por isso, em vez de demitir, seguimos admitindo e dando exemplo para o país.

**Como as cooperativas podem ajudar na recuperação da economia do Brasil em 2021?**

**MLF:** As cooperativas têm um papel fundamental na economia e hoje já respondem por aproximadamente 8% do Produto Interno Bruto (PIB). Além disso, têm um papel fundamental na disseminação de uma economia mais justa, por conta do seu compromisso com o desenvolvimento das comunidades onde estão localizadas. Onde existe uma cooperativa, o IDH [Índice de Desenvolvimento Humano] é maior. Afinal, a renda gerada por ela é utilizada na própria comunidade, realimentando a

economia local de uma forma mais justa e sustentável.

**RS:** Fazendo o que elas sempre fizeram: seguir produzindo, atuando junto às comunidades, promovendo a distribuição de riquezas, a inclusão e o desenvolvimento de forma participativa. Dessa forma, os resultados acontecem e são compartilhados com todos os membros que fazem parte do cooperativismo, beneficiando, ainda, todo o seu entorno.

**Na sua opinião, o cooperativismo soube administrar bem os obstáculos e as mudanças impostas a todos em 2020?**

**MLF:** O ano foi complicadíssimo, mas as cooperativas deram conta do recado. É claro que muitas pessoas do nosso movimento estão com a asa quebrada, com feridas que ficaram da pandemia, mas não tenho dúvidas de que elas tiveram uma capacidade de superação muito forte. E isso foi motivado, em grande parte, nos princípios e nos valores do cooperativismo.

**RS:** Sim, tanto que os resultados foram favoráveis. Obtivemos destaque em diversos setores, inclusive segurando a balança comercial do país, para que a queda na economia não fosse ainda maior.

**O que levaremos de legado positivo de 2020 para 2021?**

**MLF:** Nossos legados serão união e organização. A cooperativa que soube cativar e unir os seus cooperados teve mais sucesso. E organização: ter processos, estratégia, ter planejamento. Esses dois fatores ficam como legados importantes nas cooperativas para 2021.

**RS:** Nosso legado é (e sempre será) o de colocar as pessoas sempre em primeiro lugar. Outro legado é o da adaptabilidade em qualquer contexto, graças à nossa capacidade de aprender, desaprender e reaprender, aprimorando e contribuindo para o desenvolvimento do país, por meio da união e da cooperação. ■

**“NOSSAS COOPERATIVAS SEGUIRAM SE PROFISSIONALIZANDO, BUSCANDO OPORTUNIDADES EM MEIO À CRISE E SE DESTACANDO, ESPECIALMENTE EM FUNÇÃO DE SUA PROXIMIDADE COM AS COMUNIDADES LOCAIS.”**

**Ronaldo Scucato,**  
presidente da Organização das Cooperativas do Estado de Minas Gerais (Ocemg)



A INCRÍVEL HISTÓRIA  
DO MENINO QUE VIROU

panqueiro

**AOS 7 ANOS,  
JOVEM PERUANO  
ABRE BANCO  
VOLTADO PARA  
CRIANÇAS E  
MOSTRA QUE NÃO  
HÁ IDADE PARA  
TER CORAGEM DE  
SONHAR, REALIZAR  
E APLICAR OS  
PRINCÍPIOS  
COOPERATIVISTAS**

Por Lílian Beraldo

**D**inheiro, finanças e poupança são assuntos de adulto, certo? Errado! Aos 7 anos, o garoto José Adolfo Quisocala Condori mostrou a todos que também há espaço para crianças no mundo dos negócios ao fundar o Banco Cooperativo Estudantil Bartselana, em 2012, no Peru.

Mais do que “fazer dinheiro”, a intenção de José Adolfo sempre foi ajudar outras crianças, além de diminuir os problemas sociais enfrentados pela população infantil de sua cidade, Arequipa.

“Eu tinha 6 anos e cursava o 1º ano do ensino fundamental quando comecei a ver crianças nas ruas da minha cidade trabalhando, vendendo balinhas e limpando o para-brisa dos carros. Eu não entendia o porquê de eles trabalharem. Sempre me ensinaram que nós, crianças, não deveríamos trabalhar. Nossa maior responsabilidade eram as tarefas do colégio; às vezes, ajudar em casa, e nada mais”, relembra o jovem em entrevista exclusiva à revista **Saber Cooperar**.

Adolfo não entendia por que esses meninos e meninas trabalhavam, até conversar com uma dessas crianças. “Perguntei por que ele trabalhava, e ele me contou que tinha tomado a decisão de deixar o colégio e começar a trabalhar por causa dos problemas econômicos dos pais. Ele tinha irmãos pequenos e não queria que passassem fome. Então, decidi deixar o colégio e começar a trabalhar até que seus pais conseguissem algum trabalho. Ele tinha 13 anos. Não era um adulto. Era uma criança”, recorda.

A preocupação genuína com a situação de outras crianças foi a motivação de José para abrir um banco voltado para as necessidades dos pequenos. O objetivo era ajudá-los a poupar para a vida adulta.

“Ao ver essas realidades e esses problemas, fiquei preocupado, porque as autoridades não faziam nada para evitar que os meninos trabalhassem e abandonassem seus estudos. Até que decidi, em 2012, aos 7 anos, fundar o Banco Cooperativo Estudantil Bartselana, para meninas e meninos.”

Monetização

Você deve estar se perguntando: como um garoto de 7 anos conseguiu dinheiro para montar um banco? Pois bem, com criatividade! Ele começou a procurar um jeito de ajudar as crianças mais necessitadas a juntar dinheiro. Foi então que decidiu transformar lixo (material reciclável) em renda. Com a ajuda dos pais — que sempre acreditaram na ideia do menino —, José Adolfo fez um acordo com indústrias e empresas de reciclagem locais. Elas compram, até hoje, os resíduos sólidos coletados pelos pequenos associados da cooperativa, transformando o que antes era sucata em dinheiro na conta de meninos e meninas.

“No banco, a gente converte os materiais recicláveis em *ecomoceda*, contribuindo para a redução da contaminação ambiental por resíduos sólidos”, explica o jovem fundador.

A instituição teve início com apenas 20 cooperados. Depois de 8 anos de intenso trabalho, o Banco Cooperativo Estudantil Bartselana tem 5.830 sócios: 60% são meninas e 40%, meninos. Crianças de zero a 16 anos e jovens de 17 a 29 anos podem abrir uma conta na instituição financeira cooperativa. Para 2021, eles pretendem abrir a cooperativa para a entrada de adultos – o que ainda está em estudo.

Para ser um cooperado, é preciso fazer um curso virtual gratuito, de seis horas, que aborda questões ligadas

a educação financeira e a educação ambiental (gestão de resíduos). Também é preciso depositar 10 soles (cerca de R\$ 14) na poupança.

Desde a abertura, o banco cooperativo tem ampliado sua carteira de produtos. Hoje, além da poupança, oferece microcrédito para compra de alimentos e materiais escolares, e oportunidades de investimentos.

Os cooperados contam, ainda, com um cartão de débito — como nos bancos tradicionais — e podem fazer saques em caixas eletrônicos em todo o Peru. Além disso, também podem fazer compras em estabelecimentos comerciais, compras *on-line*, transferências de recursos e pagamento de serviços.

Atualmente, todos os mais de 5 mil pequenos clientes abastecem o banco com materiais recicláveis e recebem em troca dinheiro creditado em sua conta. Um mecanismo virtuoso, em prol da infância e da sustentabilidade do planeta. Tudo isso regado pelos princípios do cooperativismo de inclusão financeira, combate à pobreza e capacitação de jovens.

## Ajuda da família

Nessa corajosa empreitada, José Adolfo contou com o suporte, o apoio e o exemplo da família. Foi da vivência com os pais que aprendeu a importância de poupar. E eles não mediram esforços para apoiá-lo na ideia de criar um banco.

“No início, contribuimos ao crer na possibilidade de abrir um banco. A partir de 2018, passei a acompanhá-lo em suas atividades e buscando apoio com profissionais que entendessem do manejo de um banco. No início, chegamos a financiar algumas atividades. Hoje, sou um suporte emocional de José Adolfo”, conta, orgulhoso, o pai, Herbert Quisocala.

## Novos projetos

Hoje com 16 anos, José Adolfo é considerado o mais jovem gerente de banco do mundo e tem mostrado que iniciativas locais geram importantes impactos na vida das pessoas. Desde a criação da instituição financeira, ele já recebeu uma dezena de prêmios e reconhecimentos pelo trabalho de inclusão financeira de jovens – entre eles, o *Prêmio Internacional Finanças para Jovens*; o *Prêmio Nacional de Incentivo ao Voluntariado*, em 2014; o *Prêmio Internacional Escola Empreendedora*; e o *Prêmio Climático Infantil 2018*.

**“MEU TRABALHO, ALÉM DE MOSTRAR OS NOSSOS PRODUTOS FINANCEIROS PARA NOSSOS COOPERADOS, É INSPIRAR, NO PERU E EM OUTROS PAÍSES DO MUNDO, A PROMOÇÃO E O INVESTIMENTO EM NOSSO MODELO DE NEGÓCIOS.”**

José Adolfo



“Meu trabalho [como gerente-geral], além de mostrar os nossos produtos financeiros para nossos cooperados, é inspirar, no Peru e em outros países do mundo, a promoção e o investimento em nosso modelo de negócios. Também promovo o banco cooperativo junto ao Estado peruano, através do Ministério da Educação”, explica.

Os planos para o futuro são muitos, e são audaciosos. José Adolfo pretende instalar agências em todas as principais cidades do Peru, com o objetivo de atender 20 mil crianças. O banco cooperativo conta hoje com sete agências, mas, a partir de janeiro de 2021, mais 30 pontos de atendimento serão abertos nas casas de trinta adolescentes que, com seus pais, decidiram abraçar o negócio e administrar uma agência.

Além disso, o jovem deseja instalar bombas de coleta solidária (de materiais recicláveis) em cinco dessas cidades.

José Adolfo também quer empreender um programa de financiamento coletivo — em que possam ser usados tanto resíduos sólidos quanto dinheiro —, no Peru e no exterior.

Outro projeto do jovem empreendedor é tirar do papel e implementar a Fundação Bartselana, com a qual ele pretende ajudar a resolver os principais problemas das crianças nos quesitos educação, evasão escolar, saúde e fome.

“Esperamos que 2021 seja um bom ano para que possamos continuar desenvolvendo projetos e seguir ajudando crianças, tanto no Peru como no exterior”, diz. ■

## Pequenos grandes cooperados



Um dos pequenos sócios do Banco Cooperativo Estudantil Bartselana é o jovem Lucas Bustamente Mena, 11 anos, que tem uma conta poupança e um cartão de débito no próprio nome desde julho de 2019.

Morador de Arequipa, ele conta que, em princípio, não acreditou na mãe ao ouvir a história de um “menino banqueiro”.

“Minha história com o banco começa quando minha mãe me disse que existia um menino que era banqueiro. Eu não consegui acreditar, porque uma criança não podia ser banqueira. Era impossível! Mas, bem, fomos ao banco e era verdade! Era um menino que era banqueiro e tinha o seu banco. Eu me surpreendi, porque é muito raro”, disse Lucas em entrevista à **Saber Cooperar**.

A vontade de juntar o próprio dinheiro e ajudar a melhorar o planeta logo encantou o pequeno, que resolveu se associar.

“Para virar cooperado, tive de fazer dois cursos: um sobre meio ambiente e outro sobre poupança. Eles me ensinaram a reciclar em casa e a pensar no que fazer com o dinheiro, a ter uma meta. Meu objetivo, na época, era ter uma capinha para celular. Consegui alcançar essa meta juntando e levando os resíduos sólidos ao banco para conseguir meu dinheirinho”, diz o jovem.

A mãe de Lucas, Johana Mena Castro, calcula que, para chegar aos 45 soles (cerca de R\$ 64) necessários para a capa de celular, o menino tenha levado 80 quilos de resíduos sólidos – entre papéis, garrafas plásticas, *tetrapak* e jornais – ao banco cooperativo estudantil, no período de um mês e meio. Para isso, ele se empenhou em coletar o que antes era considerado lixo, não só na própria casa, mas também nas de tios e de vizinhos.

Também com o aprendizado sobre reutilização de materiais, Lucas fez uma jardineira na janela de casa, na qual usa latas para abrigar plantas.

A nova meta financeira do jovem é bem maior e mais ambiciosa: ele quer poupar para comprar um *laptop*.

“Como no banco também é possível poupar seu próprio dinheiro, eu calculo que entre abril e maio deste ano, ele poderá alcançar a meta de 1.600 soles (cerca de R\$ 2,3 mil)”, afirma, orgulhosa, a mãe.

# A CURA ESTÁ NA

# cooperação

A PANDEMIA MOSTROU AO MUNDO A IMPORTÂNCIA DE PENSAR (E AGIR) COLETIVAMENTE PARA SUPERAÇÃO DE DIFICULDADES E PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA SOCIEDADE MAIS JUSTA



Por Amanda Ciegliniski

O ano de 2020 deixou marcas profundas. Milhares de famílias perderam seus entes queridos, os hospitais lotaram, negócios fecharam e muitos sonhos foram adiados. E, ao contrário do que muitos esperavam, a pandemia não acabou automaticamente com a chegada de 2021, embora a celebração de mais um ano e o início da vacinação contra o novo coronavírus tenham renovado a esperança de dias melhores.

“Nas crises, nós temos de nos recriar e perceber em que direção devemos ir. Não podemos ficar parados, pensando que tudo deveria ser como antes. A vida é movimento e transformação. Como eu, a minha empresa, meus colaboradores e as pessoas com quem eu convivo podemos, juntos, criar novas possibilidades?”, provoca a missionária budista Monja Coen, que conversou com a **Revista Saber Cooperar** sobre as transformações que 2020 deixou na sociedade (veja página 26).

Para ela e para muitos de nós, superação e adaptação são palavras que definem muito bem o ano que passou. Por isso, contaremos a história de pessoas incríveis e inspiradoras, cujos caminhos se cruzam com o cooperativismo. Gente de todas as partes do país que venceu as dificuldades da vida — e do difícil e inescrutável 2020 — e ajudou a transformar a realidade onde vive.

## Força da natureza

REGIÃO NORTE

É da floresta que ela tira o sustento, ajuda a curar doenças e constrói sonhos. Ana Paula Ferreira, 26 anos, chegou na Cooperativa dos Extrativistas da Floresta Nacional de Carajás (COEX Carajás) como estagiária, aos 18 anos. Há sete, preside

a cooperativa, que fica em Paraupabas (PA), e é responsável por extrair da floresta folhas utilizadas na produção de remédios para o tratamento do câncer de esôfago e do glaucoma. Única mulher entre os 37 membros da associação, ela conta que o cooperativismo e o extrativismo transformaram a sua vida.

“A cooperativa fez parte de muitas ‘primeiras vezes’ na minha vida. Foi lá que assinei minha carteira [de trabalho] pela primeira vez; foi lá que dirigi um carro pela primeira vez; foi lá que eu viajei de avião pela primeira vez. Foi por meio da cooperativa que eu participei de grandes eventos, cursos. Eu tive muitas oportunidades e aprendi coisas que universidade nenhuma poderia me ensinar”, diz Ana Paula.

Ela e os irmãos começaram a trabalhar muito cedo, vendendo alimentos na rua para ajudar financeiramente em casa. A mãe, que criou os filhos sozinha, sacrificou-se para que eles não parassem de estudar. “Minha mãe sempre valorizou a educação. Eu falo que ela foi um Paulo Freire [pedagogo brasileiro reconhecido internacionalmente] na nossa vida”, diz. Quando terminou o ensino médio, sonhava com muitas profissões: médica; veterinária, e até policial.

“Eu sempre tive na cabeça que a mulher tinha que ter seu espaço. Eu achava chique mulher no tribunal, como advogada ou juíza, sempre quis ser uma mulher dessas, uma mulher porreta realmente, mas nunca tinha me passado pela cabeça que eu poderia fazer isso dentro do cooperativismo”, comemora.

Ana Paula virou uma dessas mulheres de fibra, capazes de mudar o mundo com as próprias mãos. E é com a ajuda delas que jovem e os colegas cooperados colhem a folha do jaborandi, usada na fabricação de remédios, e as sementes nativas, que são utilizadas em projetos de reflorestamento. Tudo isso, sem afetar a floresta, uma vez que o extrativismo usa as técnicas de manejo florestal para evitar a degradação do meio ambiente.

**“EU SEMPRE TIVE NA CABEÇA QUE A MULHER TINHA QUE TER SEU ESPAÇO. EU ACHAVA CHIQUE MULHER NO TRIBUNAL, COMO ADVOGADA OU JUÍZA, SEMPRE QUISER UMA MULHER DESSAS, UMA MULHER PORRETA REALMENTE, MAS NUNCA TINHA ME PASSADO PELA CABEÇA QUE EU PODERIA FAZER ISSO DENTRO DO COOPERATIVISMO.”**

Ana Paula Ferreira

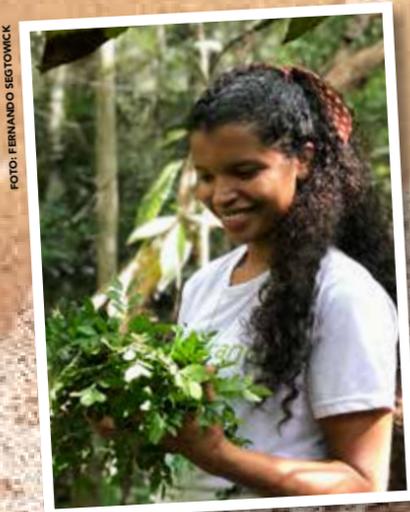


FOTO: FERNANDO SEGTONICK

## TRABALHO PESADO

A extração de riquezas naturais é um trabalho pesado, que exige muito esforço físico e comprometimento dos cooperados da COEX. Eles se dividem em grupos e passam semanas acampados, isolados na floresta, colhendo folhas e sementes. Depois, carregam quilos desse material a pé, no meio da mata, até o transporte. Então, os produtos passam por secagem e são armazenados para a venda.

“Hoje, somos a única cooperativa de extrativismo vegetal da região de Paraupebas, o que é uma grande responsabilidade. Quando você entende esse trabalho, vê a importância da cooperativa em garantir o tratamento de saúde de quem precisa do remédio, tendo o cuidado de manter a floresta em pé”, explica Ana Paula.

Ainda de acordo com ela, tudo na natureza tem seu ciclo e importância. “Nada está ali por acaso. Nós, seres humanos, somos o meio ambiente, estamos inseridos dentro dele, e, quando se destrói a floresta, automaticamente estamos nos destruindo.”

A pandemia não afetou a produção e a renda dos cooperados. Apenas aqueles que eram do grupo de risco passaram algum tempo sem poder trabalhar, e a COEX buscou doações para poder mantê-los em isolamento durante o período mais crítico da Covid-19.

Para 2021, Ana espera mais contratos e um retorno às rotinas de antes. “Espero que a gente possa voltar a abraçar, estar perto, aquele contato físico, participar dos eventos e feiras. Espero que em 2021 a gente se encontre, mais forte e mais unido”, conta a maranhense do riso fácil, saudosa dos abraços.

## Doando fôlego

REGIÃO NORDESTE

Em 2020, por várias vezes, nos sentimos sem ar diante das dificuldades. A Covid-19, que afeta principalmente as vias aéreas, provocou uma corrida mundial por respiradores. Com isso, um procedimento complexo passou a fazer parte do nosso vocabulário: a intubação. Até mesmo médicos que não estavam habituados a realizar o procedimento tiveram de se adaptar às novas rotinas.

“Para nós, anesthesiologistas, é algo comum. Eu intubo, em média, de dois a três pacientes por dia. Mas o meu colega médico na emergência provavelmente fazia isso uma vez por mês, antes da pandemia. O grau de tensão desse profissional que precisou, de repente, intubar quatro ou cinco pacientes por plantão foi enorme”, compara a médica Simone Almeida, presidente da Cooperativa dos Anestesiologistas de Pernambuco (Coopanest-PE).

Ela explica que, durante a formação médica, o anesthesiologista faz o treinamento em vias aéreas durante os três anos de residência, mas, em outras especialidades, a prática da intubação é menos comum. Diante do quadro dramático nos hospitais, a cooperativa decidiu oferecer cursos de capacitação para o procedimento.

Mais de mil médicos participaram da formação, em parceria com sociedades médicas e a Secretaria Estadual de Saúde de Pernambuco. “Esse é um momento de extremo risco de contaminação. Porque o médico manipula a via aérea do paciente, então, a chance de se contaminar é muito grande. O treinamento foi nesse sentido, para proteger o profissional e melhorar a qualidade do serviço”, explica a presidente da cooperativa.

Dos 640 médicos cooperados, muitos se contaminaram e ficaram em estado grave. Dois faleceram, vítimas da Covid-19. “A perda de um colega nunca é um momento fácil, fragiliza todo mundo. A gente começa a colocar muitas coisas

em xeque, e o treinamento serviu também para ajudar nesse sentido, garantir mais segurança”, diz Simone.

A cooperativa também ofereceu treinamento a distância a profissionais da saúde de Fernando de Noronha, que não podiam sair da ilha durante o confinamento e receberam toda a formação por videoconferência.

O curso foi gratuito, para cooperados e não cooperados, e, em troca, os alunos doaram alimentos para uma ação solidária. A Cooponest conseguiu arrecadar 400 cestas básicas, que foram entregues a uma cooperativa de transporte, ramo duramente afetado pelas medidas de isolamento social. “Dois mil e vinte foi um ano em que o sentido do cooperativismo se sobressaiu. O que fica é isso: a união. A gente juntou forças com a sociedade e pensou na proteção individual de cada um, e naqueles que estavam com dificuldades maiores do que as nossas”, diz Simone.

**“DOIS MIL E VINTE FOI UM ANO EM QUE O SENTIDO DO COOPERATIVISMO SE SOBRESSAIU. O QUE FICA É ISSO: A UNIÃO. A GENTE JUNTOU FORÇAS COM A SOCIEDADE E PENSOU NA PROTEÇÃO INDIVIDUAL DE CADA UM, E NAQUELES QUE ESTAVAM COM DIFICULDADES MAIORES DO QUE AS NOSSAS.”**

Simone Almeida,  
presidente da Cooperativa dos  
Anestesiologistas de Pernambuco  
(Coopanest-PE)



**“FIQUEI MUITO MARAVILHADA QUANDO CONSEGUI VISITAR O SICOOB: FOI EMOCIONANTE, PORQUE EU VI QUE FAZIA PARTE DE UMA FAMÍLIA MUITO GRANDE, TIVE O CARINHO DE MUITAS PESSOAS QUE EU NEM CONHECIA E QUE ESTAVAM TORCENDO POR MIM. VAI MUITO ALÉM DO PATROCÍNIO EM SI.”**

**Ana Sátilla,**  
atleta



## Cooperada de ouro

REGIÃO CENTRO-OESTE

Foi o esporte que “consertou” o seu coração, ainda menina, e a fez subir em vários pódios ao longo da vida. Ana Sátilla, 24 anos, é atleta da canoagem slalom e conquistou o título de brasileira mais jovem a disputar uma Olimpíada. Com um diagnóstico de problema cardíaco na infância, o pai dela, também atleta, apostou no esporte como tratamento. O começo dessa história foi na natação, ainda aos 5 anos.

“Eu tinha uma má formação no coração, ele não era totalmente fechado: então, sempre tinha desmaios e ninguém conseguia saber exatamente o que era. Eu morava em uma cidade pequena [Primavera do Leste, em Mato Grosso], e não tínhamos condições na época de ir a um hospital particular. Os médicos chegaram a me dar um prazo de vida, e isso era muito difícil para a minha mãe — ela dormia com a mão no meu nariz para ter certeza de que eu estava respirando. Meu pai decidiu começar a me treinar muito cedo. Ele apostou no esporte, porque nenhum medicamento resolvia. E deu certo”, conta Ana.

O pai treinador não dava moleza. Entre escola, treinos da modalidade e de força, Ana começava a rotina de madrugada e já estava na água às 5h. O início precoce e a dedicação levaram à conquista de uma vaga olímpica ainda aos 15 anos, poucos meses após deixar a cidade natal para integrar a Seleção Brasileira de Canoagem. Assim, Ana se tornou a atleta brasileira mais jovem a disputar uma Olimpíada, em 2012, nos Jogos de Londres.

O caminho da jovem atleta cruzou com o cooperativismo há dois anos, quando o Sicoob Rondon (MT) passou a patrociná-la e a investir no seu treinamento. Depois de duas participações nos Jogos — em 2012 e 2016 —, ela dedicou os últimos quatro anos a treinos pesados para alcançar a tão sonhada medalha olímpica em 2020. Mas o vírus se espalhou e o improvável aconteceu: no fim de março, os Jogos de Tóquio foram oficialmente cancelados.

“Quando a confederação nos dispensou e mandou voltar para casa foi que eu tive a real noção da pandemia. Eu estava realmente assustada, porque, por ser atleta, se eu pegasse Covid, seria um regresso muito grande, sem contar que existem problemas decorrentes da doença que são irreversíveis”, pondera.

### INSPIRAÇÃO QUE FALTAVA

Além do medo da doença, o adiamento das competições e a falta de perspectiva levaram embora a motivação. “Eu fiquei muito para baixo, porque me sentia muito bem preparada para Tóquio, estava numa fase muito boa. Fiquei muito desmotivada, porque não tinha nenhuma programação de competição para o ano inteiro.” Mas a irmã e o namorado, também atletas, trouxeram a inspiração que faltava. Com eles, Ana montou uma academia em



casa e conseguiu remar em uma área afastada da cidade.

“No final, eu consegui sair desse confinamento mais forte do que cheguei, com uma parte física boa, e muito feliz. Tenho certeza de que poderia ter terminado muito pior: eu sou uma atleta que precisa ter tudo muito bem programado para dar o meu melhor a cada dia, estar junto do meu técnico. Mas, eu consegui superar tudo.” O resultado veio logo em novembro: Ana ganhou a medalha de ouro na Copa do Mundo de canoagem e está focada em alcançar o pódio em Tóquio, neste ano.

Em 2020, depois de quatro meses de confinamento, Ana — que também é cooperada — foi até a sede conhecer o Sicoob Rondon e ganhou uma injeção de ânimo para seguir. “Fiquei muito maravilhada quando consegui visitar o Sicoob: foi emocionante, porque eu vi que fazia parte de uma família muito grande, tive o carinho de muitas pessoas que eu nem conhecia e que estavam torcendo por mim. Vai muito além do patrocínio em si”, comemora.

# Referência na comunidade

## REGIÃO SUL

Quando a Cooperativa Pradense (Cooprado) foi fundada, na cidade de Antônio Prado (RS), em 1974, o jovem Osvaldo Conte compareceu à assembleia de fundação para representar seu pai, que era o primeiro associado, mas estava doente. Ele tinha apenas 14 anos e mal sabia que ali começava a sua história com o cooperativismo, que já dura mais de 40 anos.

Osvaldo, hoje com 61 anos, começou na cooperativa como balconista. Foi gerente de loja, diretor e, em 2001, assumiu a presidência pela primeira vez. "São 44 anos na cooperativa. Ali, no dia da fundação, eu entendi o espírito, mas ainda de forma superficial. Depois, comecei a gostar do cooperativismo e entender que o associativismo seria muito importante para a agricultura familiar e da nossa região, que é de pequenas propriedades", explica.

A Cooprado trabalha com diferentes produtos agropecuários: insumos agrícolas, hortifrutigranjeiros, laticínios, grãos e vinho, frutos do trabalho de cerca de 1.200 famílias cooperadas. Na cidade de colonização italiana, o cultivo da uva tem grande importância na região. A maior parte da receita da Cooprado vem da venda dos vinhos. Em meio à pandemia, o consumo da bebida aumentou e o faturamento cresceu mais do que o dobro do previsto para 2020. "O nosso papel é fundamental para a sobrevivência dessas famílias, e o resultado do ano foi excepcional", pontua Conte.

A cooperativa foi a primeira (e única) assinatura na carteira de trabalho de Conte, feito que o orgulha. "Eu não sei como é ali fora, mas me apaixonei pelo cooperativismo e é o sistema que mais me fascina. Mas, tem que gostar e saber muitas vezes suportar críticas, no meu cargo como presidente", pondera. Para vencer os desafios da gestão, Conte criou 24 núcleos para democratizar e envolver os cooperados na administração da empresa. Todos os grupos compõem o conselho consultivo e participam das decisões da empresa, "distribuindo o poder", como define.

O trabalho e a dedicação de tantos anos tornaram Osvaldo referência na comunidade de pouco mais de 13 mil habitantes. "A cooperativa me deu tudo na vida. Para ser presidente, você tem que ser um pouco padre, um pouco advogado, um pouco conselheiro, para poder se sustentar e ter credibilidade com o associado. Meu maior papel é fazer com que o cooperado entenda que ele é o dono, a cooperativa é o agronegócio dele", diz.

## A virada pelo cooperativismo

### REGIÃO SUDESTE

Aos 18 anos, Abdul Nasser já tinha ajudado a constituir 15 cooperativas de transportes no estado do Rio de Janeiro. Foi por meio da cooperativa de vans do pai que ele enxergou a oportunidade de traçar um novo caminho e superar uma doença diagnosticada aos 8 anos: a retinose pigmentar, que comprometeu parcialmente sua visão. "Dos 11 aos 14 anos, eu vendia bala no ônibus, água no sinal, carregava caminhão de tijolo. Eu odiava essas coisas e sabia que isso não era para mim", lembra Abdul, hoje superintendente do SESCOOP/RJ. De família humilde, perdeu a mãe aos 4 anos e foi criado pela avó, costureira, com muita dificuldade. O pai, com quem tinha uma relação distante, convidou-o a trabalhar na cooperativa sem receber salário, e ele decidiu agarrar a oportunidade.



**"EU FIZ FACULDADE POR MEIO DO FINANCIAMENTO ESTUDANTIL E MEU FIADOR FOI UM COOPERADO DA NOSSA COOPERATIVA... SE NÃO FOSSE O COOPERATIVISMO, EU NEM TERIA CONSEGUIDO ESTUDAR."**

Abdul Nasser

"Queria trabalhar em escritório, para mim era uma coisa incrível, de outro mundo. Eu era como um secretário, a cooperativa era pequena. Comecei a estudar o estatuto, a lei, a cooperativa cresceu e passei a ganhar um salário", lembra. Com o conhecimento adquirido sobre o tema, começou a ajudar cooperativas de vários municípios do estado a se constituírem.

A partir dessa experiência, decidiu cursar Direito, porque não encontrava, na época, advogados especializados em cooperativismo. Foi estagiário do SESCOOP/RJ e, ao concluir a graduação, montou um escritório com foco na área. "Eu fiz faculdade por meio do financiamento estudantil e meu fiador foi um cooperado da nossa cooperativa. Como eu ganhava só o suficiente para pagar a mensalidade, o pessoal das vans me levava de graça para a faculdade. Se não fosse o cooperativismo, eu nem teria conseguido estudar", conta.

A trajetória no cooperativismo levou Abdul a voos mais longos: ele foi indicado para ocupar uma vaga no Conselho de Administração de Recursos Fiscais (CARF), órgão colegiado responsável por julgar processos relativos à cobrança de impostos pela Receita Federal. Ali, Abdul teve a oportunidade de trabalhar em casos bilionários e emblemáticos de fusões de bancos, e até mesmo da dívida do jogador de futebol Neymar. Ao sair do órgão, preferiu retornar para o Sistema OCB/RJ, para apoiar o desenvolvimento do cooperativismo fluminense.

"Minha primeira viagem internacional foi pelo cooperativismo: tive oportunidade de conhecer vários lugares do mundo. Em 2019, fui a Nova York para falar de cooperativismo de plataforma, fui ao púlpito do Senado defender as cooperativas na questão dos aplicativos de transporte. Tudo que eu tenho é cooperativo: até meu casamento, porque eu conheci minha mulher no SESCOOP. Desde que nasceu, minha filha tem uma conta numa cooperativa de crédito. Ela foi a cooperada mais jovem, porque tinha meses de vida", conta.

Apesar das dificuldades que 2020 trouxe a todos, Abdul acredita que a pandemia acelerou a digitalização dos atendimentos e serviços oferecidos aos cooperados, que antes tinham resistência aos formatos não presenciais. Para 2021, o objetivo é ampliar a força do cooperativismo no estado, inclusive por meio de campanhas e pela aproximação com o setor público.

"Com a pandemia, todos os processos de digitalização que podiam ser adiantados no setor produtivo, foram. Com isso, as empresas reduziram equipes e esses postos de trabalhos foram perdidos para sempre, não voltam. A alternativa para o emprego é empreender, e tem gente que não tem perfil para fazer isso sozinho, mas, coletivamente, consegue", analisa.

"A retomada para a economia do Rio de Janeiro é o empreendedorismo cooperativo. A gente quer colocar o cooperativismo na moda e mudar a vida de mais gente, como eu mudei a minha", torce.

# PING PONG

## Monja Coen

*Autora de uma série de livros sobre meditação, a paulistana de 72 anos acumula milhões de seguidores nas redes sociais, onde seus vídeos têm sido ferramenta no desenvolvimento do autoconhecimento e da transformação de hábitos. Monja Coen conversou com a **Revista Saber Cooperar** sobre as lições que 2020 deixou e defende que a cooperação é um valor fundamental para a evolução da sociedade.*

### **Saber Cooperar: Qual é a lição mais importante que 2020 deixou?**

**Monja Coen:** Nas crises e dificuldades, nós temos de nos recriar. E temos que perceber em qual direção devemos ir. Nós não podemos ficar parados, pensando que tudo deveria ser como antes. A vida é movimento e transformação. Como eu me transformo com as necessidades que surgem? Como a minha empresa, meus colaboradores e as pessoas com quem eu convivo podem, juntos, criar novas possibilidades? Então, em vez de achar que uma coisa está acabando comigo, posso ver como uma oportunidade que veio para eu rever a forma como estou vivendo e, inclusive, como e com o que eu estou trabalhando. A palavra crise, em chinês, tem essas duas possibilidades: de uma dificuldade, mas que leva a uma oportunidade.

### **A pandemia não termina com a chegada de 2021, mas muitas pessoas nutrem a expectativa de um ano melhor. Há motivos para ter mais esperança?**

Nós, seres humanos, gostamos de rituais de começo, meio e fim... De marcar o tempo. Algumas tradições e países têm essa mudança de fim de ano em outra época. Mesmo a distância, é importante que a gente possa dizer "Feliz Ano Novo", que seja uma renovação. Que 2020 tenha sido uma experiência que nos leva transformados para 2021, quer seja porque minha empresa ou minhas atividades

se tornaram *on-line*, quer seja pelas mudanças interiores que se passaram comigo. Acho que 2021 vai ser diferente de 2020, mas não muito. Nós vamos continuar com máscaras, com distanciamento social, vamos continuar lavando muito bem as mãos, porque o vírus ainda estará por aí. O início da vacinação não é o fim da pandemia. É o início de um projeto de cura, de menos contaminação e menos mortes.

### **Saber Cooperar: O que esperar de mudança em 2021?**

**Monja Coen:** Segundo o Horóscopo Chinês, 2021 é o ano do Touro — ou do Boi, que é chamado Touro de Ferro, aquele que tem muita força e poder. Mas, ao mesmo tempo, vai precisar de muito esforço para conseguir as coisas. Então, vamos nos preparar para um ano em que teremos de nos esforçar para manter tudo aquilo que é necessário para a saúde de todos e para os negócios em cooperação. Você veja, na cooperativa, eu coopero, eu trabalho junto, a minha operação é com o outro, não é separada do outro. E é por isso que nós vamos continuar para o bem coletivo, e não para o bem individual. Eu acho que é uma oportunidade para muitas pessoas pensarem nisso, porque há muitos que pensam só em si, como se não precisassem de ninguém. Eu acho que a pandemia nos fez perceber isso: estamos ligados, precisamos uns dos outros e temos que fazer parceiros. Temos que cooperar, é a única maneira. Cometer vai levar à falência, a cooperação vai levar ao

sucesso. E, quem sabe, neste ano de 2021, muitas pessoas percebem isso e sejam mais cooperativas.

### **Saber Cooperar: Depois da pandemia, você acha que a nossa sociedade vai sair transformada?**

**Monja Coen:** Eu não sou nem otimista, nem pessimista. A humanidade é feita de seres humanos, que são semelhantes, mas não iguais. E cada um de nós está em uma fase diferente. Nós tivemos um momento em que ficamos todos em casa e ficamos tão bonzinhos. Solidários, admiramos o pôr do sol, os pássaros, ficamos felizes que Venezuela tinha peixes e estava limpa, né? E agora já está suja de novo. E, de repente, a pandemia foi se alastrando, os casais começaram a brigar, feminicídios, separações. Parece que as coisas foram esquecidas e tem muita gente andando sem máscara ou usando do jeito incorreto. Quer dizer, esqueceram-se? Esqueceram-se de quantas pessoas morreram, de que esse vírus pode nos levar à morte ou a um grande sofrimento? Nós esquecemos. A história da humanidade mostra que a gente esquece, a gente aprende a lição, mas ela é muito momentânea. Alguns de nós entraram num processo de autoconhecimento e mudança, interior e exterior, mas talvez não seja a grande maioria. Mas nós vamos ver, em algumas minorias, mudanças importantes, e essas minorias vão se transformando, aos poucos, em maioria. Essa é a minha esperança.

### **Saber Cooperar: Muito obrigada, Monja, por falar com os nossos milhares de cooperados.**

**Monja Coen:** Cuidem-se, porque quando você cuida da parte, você cuida do todo. Fiquem bem e continuem cooperando, pois a cooperação é a transformação da sociedade de uma cultura de violência para uma cultura de paz e de respeito à vida.



## EM BUSCA DA

# autonomia

**HOJE, 444  
COOPERATIVAS  
BRASILEIRAS  
JÁ CONSEGUEM  
PRODUZIR A  
PRÓPRIA ENERGIA  
ELÉTRICA DE  
MANEIRA  
SUSTENTÁVEL,  
ABATENDO TOTAL  
OU PARCIALMENTE  
A CONTA DE LUZ**

Por Débora Brito

**S** seja a partir do sol, do vento, da água da chuva e de rios, ou de matéria orgânica, o cooperativismo brasileiro tem encontrado maneiras inovadoras de gerar de energia limpa, com sustentabilidade e eficiência.

A crescente demanda pelo insumo — devido à intensa produção cooperativista e à melhoria da qualidade de vida dos cooperados — levou centenas de cooperativas a buscarem produzir a própria energia. O objetivo inicial? Reduzir despesas. Ganhos adicionais: autonomia energética, geração de empregos e muito aprendizado sobre como aproveitar melhor (de forma racional e sustentável) todos os recursos disponíveis em cada propriedade.

“Esse movimento começou mais ou menos em 2014, quando identificamos que a energia era um insumo fundamental para a nossa produção e qualidade de vida. O cooperativismo produz muito, o que demanda muita energia. Visando o princípio da autogestão do cooperativismo, então, por que não criar mecanismos para gerar a própria energia?”, relembra Marco Morato, analista técnico, especialista em Energia e Meio Ambiente, da Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB).

Na época, o país enfrentava problemas de escassez de energia elétrica, com blecautes em vários estados e risco de apagão geral. A crise impulsionou algumas cooperativas a empreenderem na geração de energia para autoconsumo ou distribuição para outras entidades.

“Voltamos os olhos para essas políticas públicas que viabilizassem a autonomia do cooperativismo na geração de energia”, completa Morato.

E não são apenas as cooperativas de infraestrutura e energia que estão engajadas na expansão do setor energético. Os ramos Saúde, Crédito, Agro e Transporte também têm impulsionado projetos de geração de energia de forma integrada e sustentável.

“A partir do momento em que eu gero minha própria energia ou formo uma cooperativa de consumidores, estou gerando emprego e renda na minha região. Dependendo do arranjo, estou contribuindo para a manutenção da nossa matriz energética. A produção de energia renovável pode contribuir para que o Brasil reduza o consumo de combustíveis fósseis e mantenha seus recursos naturais”, destacou Morato.

## Inovação e responsabilidade

Em Minas Gerais, uma parceria firmada no finalzinho de 2020 entre a Organização das Cooperativas do Estado de Minas Gerais (Ocemg) e o governo estadual reflete a nova tendência de autossustentabilidade energética, mas com um diferencial que só o sistema cooperativo tem: o olhar para as necessidades da comunidade. Dessa forma, as usinas solares que estão sendo construídas para fornecer energia às cooperativas doarão o excedente aos hospitais públicos e a entidades filantrópicas de assistência à saúde.

A iniciativa faz parte do *Projeto de Energia Fotovoltaica do Cooperativismo Mineiro* e foi construída com base em três pilares:

- econômico, com redução de gastos e economia de recursos;
- ambiental, com a geração de energia limpa; e
- social, suprimindo as necessidades das entidades de saúde pública de Minas Gerais.

“Devido ao alto custo da energia elétrica, nós constituímos um comitê interno com representantes de diferentes áreas e começamos a desenhar um projeto que atendesse às cooperativas mineiras na área de energia. E o projeto foi ganhando corpo com esse teor social. Surgiu da necessidade de atender à crescente demanda por energia limpa. Quando entrou o social, o projeto ganhou um fôlego grande”, explicou Alexandre Gatti, superintendente da Ocemg.

Pioneiro no país, o projeto foi aprovado pelos conselhos do SESCOOP e da Ocemg em dezembro e já conta com a participação, ou solicitação de adesão, de pelo menos 19 cooperativas. A iniciativa, entretanto, está aberta a todas as 800 cooperativas do estado, independentemente do ramo de atuação. “Com essa parceria com o governo, esperamos que o projeto fique mais robusto e atinja um número grande de cooperativas no estado”, afirma Gatti.

## Investimento na saúde pública

Em Belo Horizonte, o convênio com o governo estadual permitirá que o excedente de energia gerado pelas usinas a serem construídas por quatro cooperativas — Coopmetro, Credicom, Crediminas e a Cooperativa Central dos Produtores Rurais (CCPR), além da Ocemg — seja doado para suprir as contas de luz da Santa Casa de Misericórdia, o maior hospital da rede SUS de Minas Gerais, com 1.086 leitos, sendo 170 de UTI. “É um hospital imenso que presta um serviço importante para a sociedade”, destacou Gatti.

O custo mensal da Santa Casa com energia gira em torno de R\$ 105 mil. “Em 12 meses, são mais de R\$ 1 milhão que vão deixar de ser gastos e poderão ser investidos em novos leitos de UTI, na aquisição de respiradores, na ampliação da rede de atendimento. Em um momento de pandemia, em que os hospitais estão sobrecarregados com estrutura precária, a Santa Casa passará a ter uma renda extra para investir na sua estrutura”, comenta o superintendente da Ocemg.



Santa Casa de Belo Horizonte

**“EM UM MOMENTO DE PANDEMIA, EM QUE OS HOSPITAIS ESTÃO SOBRECARREGADOS COM ESTRUTURA PRECÁRIA, A SANTA CASA PASSARÁ A TER UMA RENDA EXTRA PARA INVESTIR NA SUA ESTRUTURA.”**

**Alexandre Gatti,**  
superintendente da Ocemg

Para as cooperativas, a economia varia, dependendo do porte. Na sede do Sistema Ocemg, por exemplo, o custo mensal de energia é de R\$ 22 mil, mas tem cooperativa que gasta R\$ 100 mil; outras, R\$ 5 mil. A expectativa é de que em cinco anos depois do início das operações as cooperativas não paguem mais tarifa de energia.

Não haverá contrapartida financeira do governo estadual, que auxiliará na construção das usinas viabilizando a parte burocrática, de legislação, com questões técnicas de licenciamento. Ainda não há previsão de quando as usinas começam a operar.

“A CCPR abraçou imediatamente essa causa devido à sua magnitude em vários aspectos: social, sustentável e cooperativista. Vimos na iniciativa uma oportunidade de unir cooperativas e contribuir com o desenvolvimento das comunidades. É uma ação de sustentabilidade, de preservação do meio ambiente, uma iniciativa que deve ser seguida por outras cooperativas brasileiras, porque temos esse compromisso com a sociedade”, destacou Marcelo Candioto, produtor rural e engenheiro civil que preside a CCPR.

A parcela energética da CCPR será direcionada à Santa Casa de Belo Horizonte, por meio de um convênio a ser firmado com a Companhia Energética de Minas Gerais (Cemig). E a energia vai ser produzida na usina que será implantada em breve na Fazenda da CCPR em Sete Lagoas (MG).

Mais que os benefícios sociais, o projeto contribuirá para minimizar o fluxo da demanda na rede pública de energia, segundo Candioto. “Temos alta demanda elétrica. Ao produzirmos nossa própria energia, vamos desafogar também a rede de distribuição da Cemig”, ressalta.

**“A DIFERENÇA DO COOPERATIVISMO É DEVOLVER OS BONS RESULTADOS À COMUNIDADE ONDE A COOPERATIVA ESTÁ INSERIDA.”**

**Alexandre Gatti,**  
superintendente da Ocemg

Dividido em etapas, o projeto de energia fotovoltaica também atuará nas cidades do interior que sediam ou recebem serviços de outras cooperativas do Sistema Ocemg.

*Metas de desenvolvimento sustentável*

A geração de energia de forma sustentável e eficiente pelo cooperativismo está alinhada aos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Organização das Nações Unidas (ONU) – um plano de ação, com metas a serem cumpridas até 2030, para transformar o mundo em um lugar melhor para todos.

Entre as metas estabelecidas pela ONU, o projeto mineiro abarca o incentivo à energia limpa e acessível; a preocupação com a saúde e o bem-estar da comunidade; além do acesso a emprego digno e desenvolvimento econômico.

“A diferença do cooperativismo é devolver os bons resultados à comunidade onde a cooperativa está inserida. Quando a

cooperativa gera energia, vai gerar empregos, impostos para o município; ao doar para o hospital, a sociedade está sendo diretamente impactada”, reiterou o superintendente da Ocemg, Alexandre Gatti.

Inicialmente, o foco do projeto será a geração de energia solar, mas o sistema cooperativo mineiro já está de olho no potencial do estado para energia eólica e de outros tipos de fontes energéticas.

“O cooperativismo vem fazendo história e a diferença, principalmente nesse momento de crise. Aqui em Minas, o cooperativismo cresceu muito, principalmente crédito, saúde, agro e transporte de carga. Então, acreditamos que o cooperativismo pode inspirar outros sistemas a fazer iniciativas semelhantes. Sem contar a questão da intercooperação, estimulando a geração de energia de forma conjunta”, completou Gatti.

*Intercooperação:  
união que desenvolve*

O espírito de colaboração entre diferentes tipos de cooperativas também é marcante em outras regiões do país, onde parcerias são desen-

**“O GRANDE OBJETIVO É COMPRAR ENERGIA MAIS BARATA E REPASSAR PARA O COOPERADO DE FORMA MAIS COMPETITIVA.”**

**Erineo José Hennemann,**  
presidente da Fecoergs e da Certel

volvidas em prol dos cooperados e das comunidades ao redor.

Esse modelo está na base do trabalho da Federação das Cooperativas de Energia, Telefonia e Desenvolvimento Rural do Rio Grande do Sul (Fecoergs), que tem 24 cooperativas de infraestrutura, sendo 15 de distribuição e nove de geração de energia, que atendem a mais de 1 milhão de gaúchos, de 300 mil famílias, em 370 municípios.

As cooperativas de geração de energia têm 24 usinas, sendo oito consorciadas com empresas do ramo privado. Há, ainda, três cooperativas com sistemas solares. Parte das associadas à Federação também resolveu se juntar para viabilizar a construção de Pequenas Centrais Hidrelétricas (PCHs) e gerar energia hídrica de forma conjunta. Ao todo, essas cooperativas têm 32 hidrelétricas no estado.

“Temos muitas hidrelétricas funcionando, que só foram possíveis pela parceria entre as cooperativas do ramo”, comentou Erineo José Hennemann, presidente da Fecoergs e da Certel (distribuidora de energia).

A intercooperação abarca outros serviços, como os fluxos de gestão, a organização e até a capacitação e o desenvolvimento dos colaboradores das cooperativas que integram a Federação.

“Também existe intercooperação na melhoria dos processos e nas atividades de distribuição de energia elétrica. Significa a verificação dos

processos, integrando engenheiros e demais técnicos para melhorar a padronização”, explica Hennemann.

Outro diferencial da Fecoergs é a parceria para situações de calamidade e contingências. Se a infraestrutura de alguma cooperativa for atingida por vendaval ou qualquer tipo de intempérie, as outras associadas se unem para ajudar de forma ágil a resolver os problemas e mitigar os danos ocorridos.

As equipes de contingência das cooperativas prestam solidariedade, inclusive para as grandes concessionárias privadas, nos casos de dificuldades com temporais, por exemplo.

*Maior competitividade*

Mais recentemente, as cooperativas da Fecoerj — principalmente as de pequeno porte —, uniram esforços para compra de energia em leilões com o objetivo de pagar um preço menor pelo insumo e, assim, obter maior ganho de escala.

“O grande objetivo é comprar energia mais barata e repassar para o cooperado de forma mais competitiva. Por outro lado, existe venda no mercado livre para investimento em novas usinas”, explicou o presidente da Federação.

A iniciativa é vista com bons olhos pela OCB, que vislumbra, em médio prazo, aumentar o número de cooperativas com capacidade para operar no mercado livre de energia, onde o consumidor pode comprar energia sustentável diretamente de uma geradora, e não apenas da concessionária. A ideia é que essa geradora possa abastecer não somente cooperados e entidades,



mas também o consumidor comum.

“Num futuro próximo, vai ter mercado livre para consumidor residencial, de baixa tensão. Nesse futuro, você vai comprar a sua energia de quem? De uma empresa estrangeira, de um grupo de empresários, ou você vai ter a sua energia produzida por uma cooperativa? É com essa possibilidade que a gente trabalha: por que não fazer parte de uma cooperativa que compra energia e distribui essa energia em cooperação com outra? É criar uma cultura dentro do cooperativismo com o olhar atento no insumo energia para aproveitar as oportunidades desse modelo de negócio e chegar com vantagem na frente” declarou Morato, analista da OCB.

Entre as fontes energéticas utilizadas pelas cooperativas da Fecoerj, a solar é a que apresenta o menor custo de implantação,

com potencial de atender em torno de 30% da demanda das cooperativas, o que reduz significativamente o preço da energia para os associados. Na Certel, por exemplo, que tem mais de 70 mil associados, a tarifa chega a ser 30% menor do que a tarifa de uma concessionária.

Hoje, o sistema cooperativista tem mais de 65 mil quilômetros de rede no estado do Rio Grande do Sul e abastece, inclusive, o centro de municípios que sediam as cooperativas da Federação.

Entre as várias iniciativas de intercooperação da Fecoerj, destaca-se ainda o projeto chamado *Energia que nos Une*, que prevê o financiamento conjunto da Certel, mais antiga cooperativa de distribuição de energia, e de quatro cooperativas de crédito para construção da PCH Vale do Leite, no Rio Forqueta, entre os municípios de Coqueiro Baixo e Pouso Novo (RS).

**“NÓS TEMOS MAIS DE 15 MILHÕES DE COOPERADOS HOJE, SOMANDO TODAS AS COOPERATIVAS, E QUEREMOS ATENDER AS DEMANDAS DO COOPERADO, COM QUALIDADE E EFICIÊNCIA.”**

**Marcos Morato,**  
analista da OCB

Além da Certel, fazem parte do projeto as cooperativas Sicredi Ouro Branco; Sicredi Integração RS/MG; Sicredi Região dos Vales, e Sicredi Botucaraí (RS). A iniciativa rendeu à Federação o *Prêmio SESCOOP – Melhores do Ano 2020*, no quesito intercooperação.

“Essa premiação recente que recebemos da OCB tem de ser comemorada. É uma solução inovadora, um empreendimento 100% cooperativo, que vai gerar emprego, renda, desenvolvimento”, destaca Hennemann.

Como no caso de Minas Gerais, as cooperativas do Rio Grande do Sul também se unem para patrocinar programas sociais, ajudar hospitais e classes menos favorecidas.

Algumas cooperativas atuam no ramo de comunicação e levam internet para o meio rural — fator considerado determinante para o desenvolvimento rural e fixação de jovens profissionais no campo. Para ampliar o acesso do produtor cooperado à internet, que também servirá para monitorar os serviços de energia, a Federação está firmando uma parceria com o governo estadual para viabilizar investimentos em infraestrutura, principalmente de fibra ótica.

*No caminho certo*

O caminho a percorrer rumo à autonomia energética, contudo, ainda é longo. O sistema cooperativista brasileiro consome aproximadamente 8% da energia produzida no país, mas produz apenas 0,3% dessa energia.

Atualmente, existem 67 cooperativas de distribuição de energia que atendem 4 milhões de pessoas, 28 cooperativas de geração de energia – de matriz renovável e com produção de mais 300 megawatts – e 444 cooperativas que conseguem economizar na conta de luz por meio de um sistema de compensação.

Há, portanto, grande margem de crescimento na área de energia dentro do cooperativismo brasileiro, que tem pelo menos 5 mil cooperativas registradas no sistema OCB. “Nós temos mais de 15 milhões de cooperados hoje, somando todas as cooperativas, e queremos atender as demandas do cooperado, com qualidade e eficiência”, disse Morato, analista da OCB.

Para tornar possível a ideia de expansão da participação energética do cooperativismo, a OCB monitora os atos normativos da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) e faz contribuições para a construção de uma malha legal que viabilize os projetos das cooperativas.

A OCB também tem um guia de constituição de cooperativas de distribuição de energia fotovoltaica e lançou recentemente a terceira cartilha da série Cooperativismo e Energia, com o foco nas oportunidades de negócio com o biogás, para geração de energia elétrica, térmica e veicular.

“O biogás é um subproduto de dejetos animais ou vegetais; então, contribui para que o processo de produção de alimentos seja mais sustentável, com impacto menor no meio ambiente. Do processo de purificação desses dejetos, sai o biogás, então eu consigo produzir mais, gerando energia sustentável e mais competitividade”, explicou Morato.

E a organização já prepara a próxima cartilha de orientação às cooperativas, desta vez sobre comércio livre de energia, para ampliar o acesso das cooperativas ao mercado. Também estão no radar o setor de mobilidade urbana elétrica e uma cartilha sobre potencial de energia hidráulica, além do incentivo a parcerias para expansão da conectividade.

“Só chegamos onde estamos por causa da inovação, esse processo de melhoria contínuo, geração de ideias e novas soluções mais eficientes”, conclui o analista. ■

# Transformação PELO COOPERATIVISMO

**CONHEÇA A HISTÓRIA DE JOICE, UMA MENINA QUE AOS 13 FOI PRESIDENTE DE COOPERATIVA, AOS 14 VENDEU UM CONCURSO DE REDAÇÃO SOBRE O TEMA E AOS 18 QUER FAZER PELOS OUTROS O QUE NOSSO MOVIMENTO FEZ POR ELA**

Por Lílian Beraldo

**“**Quero mudar a vida de alguém assim como a minha foi transformada pelo cooperativismo”. É assim — com os olhos transbordando de esperança — que a jovem Joice Rodrigues Nunes, 18 anos, fala dos seus sonhos para o futuro. “Quero chegar na vida de uma pessoa que tenha pouca perspectiva, que não pensa alto e, por meio da minha história, fazê-la pensar de forma diferente”, planeja.

Para entender a ligação de Joice com o cooperativismo, precisamos voltar no tempo, em direção ao município de São Francisco, na zona rural de Minas Gerais. Lá, a menina Joice, então com 13 anos, teve uma aula muito diferente das demais: cultura empreendedora e cooperativista. Dessa matéria, surgiu a ideia de montar uma cooperativa de alunos, a Unicoop (fusão das palavras União e Cooperativa, da qual Joice foi a primeira presidente. “Foi transformador na minha vida”, relembra.

A cooperativa de alunos desenvolvia produtos para vender para a própria comunidade. Na época, eram produzidos biscoitos e comercializados hortaliças, dindim, frutas e polpa de frutas. Os pais eram muito presentes e exerciam tanto o papel de incentivadores quanto de compradores da Unicoop.

Durante esse período, Joice estreitou os laços com a cooperativa que tinha levado as aulas de cooperação para sua escola: o Sicoob Credichapada de onde virou cooperada em dezembro de 2016, após ganhar R\$ 100 em um concurso de redação sobre cooperativismo.

“Quem assinava os documentos era o meu pai, mas quem movimentava a conta sempre fui eu. Com isso, aprendi a poupar, a economizar, a guardar um dinheiro. Até troquei de celular. Foi a partir de uma conta que eu comecei a economizar e a realizar pequenos sonhos. Foi uma sensação muito gratificante e feliz”, recorda a moça.

O contato com o Sicoob Credichapada também deu a Joice um novo propósito de vida. “Eu não tinha perspectiva de crescer, de poder ajudar as pessoas, de fazer meu próprio negócio. Eu não tinha esse pensamento. Foi a partir do contato com eles que eu pude entender: eu posso mais. Eu sou capaz de mais.”

## Novos passos

Foi em uma viagem para Belo Horizonte, a convite do Sebrae e do Sicoob Credichapada, que Joice, aos 14 anos, conheceu o Instituto Federal do Norte de Minas — instituição na qual viria a estudar logo depois.

Impressionada com a infraestrutura, ela chegou a perguntar para o presidente da cooperativa, Marcos Maion, “o que era” aquela escola. “Eles me falaram que era uma escola técnica e tudo o que acontecia lá. Eu pesquisei mais sobre o assunto e fiz o processo seletivo. Não imaginava que ia conseguir passar em um processo

seletivo, com 14 anos. Mas me senti uma vitoriosa só de fazer a prova”, relembra.

Com o resultado na mão e a vaga garantida, veio a dúvida: “vou largar a cooperativa, minha cidade e minha família? Vou atrás de melhorias para minha vida?”. A resposta não demorou a chegar.

“Eu morava na roça. Pensava em casar e ter filhos. Depois de ter contato com o Sicoob, percebi que o ensino médio era apenas uma etapa de um pequeno muro que ainda tinha muito a crescer. Foi assim que eu fui despertando para querer saber mais sobre empreendedorismo e cooperativismo”, diz a jovem.

Ela saiu da casa dos pais, na comunidade de Acari (São Francisco-MG), e foi morar com uma tia no município de Chapada Gaúcha, a 100 quilômetros de Arinos, onde ficava o campus do instituto. Durante três anos, ela saía de casa às 5h30 da manhã, estudava o dia todo e retornava para casa às 18h. Nesse período, concluiu o ensino médio e o ensino técnico em meio ambiente.

## Vestibular

No fim de 2019, Joice prestou vestibular e conseguiu uma vaga para o curso de pedagogia em uma faculdade em Brasília de Minas. Ela se mudou para São Francisco, município a 60 km da faculdade, e deu início ao primeiro semestre do curso este ano — quando, em março, as atividades foram paralisadas por conta da pandemia de covid-19.

Foi também este ano que recebeu um convite muito especial: entrar como estagiária no Sicoob Credichapada. “Foi algo com



**“DEPOIS DE TER CONTATO COM O SICOOB, PERCEBI QUE O ENSINO MÉDIO ERA APENAS UMA ETAPA DE UM PEQUENO MURO QUE AINDA TINHA MUITO A CRESCER.”**

**Joice Rodrigues Nunes**

que eu sempre sonhei, porque foi o cooperativismo que despertou tudo isso em mim. Pra mim, foi extraordinário, incrível essa proposta de trabalhar na cooperativa que me abriu o mundo”, afirma.

Joice conta que apesar de estar trabalhando há pouco tempo na cooperativa, já sente estar começando a transformar vidas. “Quando encontro um velho amigo de escola e digo o que fiz até agora, vejo que ele fica motivado a tentar fazer algo por si mesmo. Passei por momentos difíceis, mas não tive medo, porque eu sabia que eu queria mais. Já me sinto vitoriosa de vestir aquele uniforme e dizer: eu sou estagiária do Sicoob”, diz, com orgulho. E alguém tem dúvidas que essa menina ainda vai muito longe? ■

# OLHOS ATENTOS NA

# política

**EM MEIO À PANDEMIA, SISTEMA OCB GARANTE CONQUISTAS IMPORTANTES PARA O COOPERATIVISMO. EM 2021, NOSSA EQUIPE DARÁ ATENÇÃO ESPECIAL AOS DESDOBRAMENTOS DA REFORMA TRIBUTÁRIA, À MODERNIZAÇÃO DA LEI 130/09 E A REGULAMENTAÇÃO DA PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS DE TELECOMUNICAÇÕES E DE SEGUROS POR COOPERATIVAS**

Por Alessandro Mendes

A pandemia da covid-19 trouxe grandes desafios para o Brasil e o mundo em 2020. Desde o início, o Sistema OCB esteve ao lado das cooperativas, buscando soluções para superar as dificuldades impostas pelo novo cenário e seguir em frente. No âmbito político, junto com a Frente Parlamentar do Cooperativismo (Frencoop), a instituição teve participação ativa na obtenção de uma série de conquistas legislativas e regulatórias voltadas à diminuição de impactos da crise e ao fortalecimento do cooperativismo.

Em 2020, foram apresentados no Congresso Nacional mais de 2,2 mil projetos sobre a covid-19 com impacto direto ou indireto para o cooperativismo. Pelo Poder Executivo, foram 354 normativos publicados ao longo do ano. Dessas propostas, o Sistema OCB priorizou 82 para serem acompanhadas mais de perto. Dessas, 46 já foram atendidas e transformadas em políticas públicas – uma taxa de sucesso de 56,1% até o momento.

Entre as principais conquistas obtidas em 2020 pelo cooperativismo em relação ao combate aos efeitos da crise está a inclusão das cooperativas nas políticas de acesso a crédito, de desburocratização e de simplificação tributária, que aliviaram as contas e promoveram maior liquidez e segurança para o nosso segmento. Também foi garantido tratamento diferenciado para cooperativas de pequeno porte nas políticas voltadas aos pequenos negócios e, também, na inclusão das cooperativas nas políticas de incentivo a compras públicas.

Outras conquistas foram a prorrogação de mandatos de dirigentes cooperativistas, a modernização das assembleias de cooperativas, abrindo a possibilidade de encontros virtuais, e a manutenção de recursos do SESCOOP na promoção da cultura cooperativista e desenvolvimento da gestão e governança das cooperativas.

Juntamente às medidas de combate aos efeitos da pandemia, a atuação do Sistema OCB também foi importante para reverter os vetos da desoneração da folha para o setor de proteína animal, garantindo a medida até o fim de 2021, e de consulta da Receita Federal (Cosit 11/2017) que faria com que milhares de pequenos e médios produtores cooperados pagassem um valor dez vezes maior de contribuição previdenciária operando em suas cooperativas do que se entregassem a produção a uma multinacional.



CRÉDITO: ALEXANDRE ALVES

## “O QUE QUEREMOS COM ESSAS EMENDAS NÃO É DEIXAR DE PAGAR, MAS GARANTIR A ADEQUAÇÃO TRIBUTÁRIA AO NOSSO MODELO SOCIETÁRIO.”

**Márcio Lopes de Freitas,**  
presidente do Sistema OCB

### PRIORIDADES DO ANO

Para 2021, entre os temas que estão em discussão no Congresso, vão merecer atenção especial do Sistema OCB a Reforma Tributária, a prestação de serviços de telecomunicações e de seguros por cooperativas e as modernizações da Lei Complementar 130/09, que criou o Sistema Nacional das Cooperativas de Crédito, e da Lei Geral das Cooperativas, que completa 50 anos em 2021.

Senado Federal e Câmara dos Deputados vêm trabalhando em uma legislação que simplifique o sistema tributário brasileiro. Duas Propostas de Emenda à Constituição, uma na Câmara, a PEC 45/2019, e outra no Senado, a PEC 110/2019, e um Projeto de Lei do Executivo (PL 3.887/2020) tratam desse assunto, com ideias nem sempre convergentes.

Para unificar as propostas, foi criada, em fevereiro, a Comissão Mista da Reforma Tributária. O colegiado tem o objetivo de ouvir especialistas, promover debates e elaborar a proposta conjunta que será levada à votação. Mas, com a pandemia, os trabalhos foram suspensos em março e só retornaram em agosto. No total, 10 audiências foram realizadas após a volta e o relatório final não chegou a ser apresentado.

Desde o início da tramitação da proposta, o Sistema OCB vem atuando para que a reforma garanta o adequado tratamento tributário do ato cooperativo (realizado entre cooperado e cooperativa ou entre cooperativas), previsto no artigo 146 da Constituição Federal, e para que também sejam protegidas as conquistas já alcançadas até o momento pelo cooperativismo.

Entre essas conquistas tributárias estão o reconhecimento da não incidência de Imposto de Renda sobre Pessoa Jurídica (IRPJ) e de Contribuição Social sobre o Lucro Líquido (CSLL) sobre os atos cooperativos e as exclusões de base de cálculo da Contribuição para o Programa de Integração Social (PIS) e da Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (Cofins) concedidas a alguns segmentos, como táxi, agropecuária, crédito e eletrificação, por leis ordinárias ou normas internas da Receita Federal.

“Por expressa definição legal, o ato cooperativo não é ato comercial e, portanto, não implica operação de mercado, nem contrato de compra e venda de produto ou mercadoria”, explica o presidente do Sistema OCB, Márcio Lopes de Freitas. “O adequado tratamento tributário às cooperativas não é sinônimo de privilégio, não configura benefício ou isenção tributária. É um redirecionamento da incidência tributária da pessoa jurídica da cooperativa para a pessoa física ou jurídica do cooperado, visto que a fixação da riqueza se dá no cooperado. Na cooperativa há apenas o abatimento dos custos para a prestação do serviço ao cooperado”, completa.

Freitas destaca que a aprovação da reforma, desde que focada em simplificação e desburocratização, sem aumento de carga tributária, terá um impacto positivo para o desenvolvimento do Brasil. “Nós, as cooperativas, contribuimos com o crescimento do País, recolhendo impostos e taxas. Esse é o nosso dever enquanto cidadãos. O que queremos com essas emendas não é deixar de pagar, mas garantir a adequação tributária ao nosso modelo societário”, enfatiza.

### FORÇA PARA OS PEQUENOS

“Na produção econômica, o cooperativismo é a única forma que permite aos menores produzirem e competirem no mercado. Assim, temos que preservar as conquistas do sistema cooperativo”, destaca o deputado federal Hildo Rocha, vice-presidente da Comissão Mista da Reforma Tributária. “As cooperativas, ao longo das últimas décadas, têm conseguido provar que é possível, com a união de pequenos empreendedores, concorrer, gerar empregos e diminuir a concentração de riquezas”.

Além de manter nas novas regras a não incidência de tributos sobre operações e resultados decorrentes do ato cooperativo, o Sistema OCB vem atuando para que empresas que utilizam matéria-prima de cooperativas continuem recebendo créditos tributários em suas compras, os quais podem ser abatidos durante o pagamento do imposto de renda.

“Hoje, esse benefício existe tanto para quem compra de empresas quanto de cooperativas. Isso permite que o setor seja competitivo. É importante que essa conquista seja mantida”, explica a gerente jurídica do Sistema

OCB, Ana Paula Rodrigues. Além dos compradores, o setor defende que também sejam mantidos os créditos de operações realizadas entre cooperado e cooperativa e entre cooperativas.

Em relação ao ato cooperativo, o Sistema OCB também vem atuando para que o artigo 146 da Constituição Federal, que reconhece o adequado tratamento tributário, seja regulamentado. Com esse objetivo, tramita há 16 anos na Câmara dos Deputados o Projeto de Lei Complementar (PLP) 271/2005. “Essa omissão legislativa tem feito com que, em alguns casos, nós tenhamos, tanto no Judiciário quanto na Receita Federal, decisões contrárias ao cooperativismo”, informa a gerente jurídica Ana Paula Rodrigues.

A expectativa do Sistema OCB, informa a gerente de Relações Institucionais, Fabíola Nader Motta, é que a votação da Reforma Tributária possa ser acelerada devido à necessidade de o governo federal ajustar as contas públicas, impactadas com os mais de R\$ 500 bilhões investidos nas medidas para combater os reflexos da pandemia. “Este é um tema que, nesse contexto, se torna ainda mais prioritário”, avalia.

## Conectividade no campo

Outro projeto considerado prioritário pelo Sistema OCB é o PL 8.824/2017, que regulamenta a prestação de serviço de telefonia móvel e banda larga fixa e móvel por cooperativas. O objetivo é dar segurança jurídica para essa atuação, já que a atual legislação não é clara sobre o tema, o que tem causado transtornos e dificultado as concessões para oferecer esses serviços. Atualmente, o projeto aguarda votação na Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania (CCJC) na Câmara dos Deputados e posterior envio ao Senado Federal.

Segundo o último Censo Agropecuário do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), realizado em 2017, 3,64 milhões de propriedades rurais, o que corresponde a 71,8% do total, não tinham acesso à internet. “São pessoas sem acesso, por exemplo, à comunicação, à educação e ao entretenimento por meio virtual. E, se considerarmos o viés produtivo, falta meios para melhorar processos como rastreabilidade e

## “AS COOPERATIVAS TÊM CONSEGUIDO PROVAR QUE É POSSÍVEL, COM A UNIÃO DE PEQUENOS EMPREENDEDORES, CONCORRER, GERAR EMPREGOS E DIMINUIR A CONCENTRAÇÃO DE RIQUEZAS”.

**Hildo Rocha,**  
deputado federal,  
vice-presidente da Comissão Mista da Reforma Tributária



CRÉDITO: MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL

outras estratégias que podem aumentar a produtividade”, afirma o presidente do Sistema OCB, Márcio Lopes de Freitas.

Para Freitas, as cooperativas de infraestrutura possuem relevante capacidade para oferecer internet rural às cooperativas agrícolas. “Elas já possuem parte dos insumos necessários e algumas até já prestam esse serviço, principalmente no Sul do país. Por isso, nossa ideia é promover esse casamento de necessidades, fortalecendo cada vez mais nosso setor produtivo”, explica.

Nos últimos anos, o Sistema OCB vem trabalhando junto aos poderes Legislativo e Executivo para efetivar políticas voltadas à internet no campo. “Mas a legislação atual deixa em aberto a atuação das cooperativas nesse campo. As que atuam nesse mercado precisam criar empresas parceiras, geridas por elas mesmas. O que queremos é viabilizar essa atuação plena das cooperativas como promotoras de conectividade rural”, destaca Fabíola Nader Motta.

Maior cooperativa de eletrificação em extensão de redes do País, a Coprel vem atuando, por meio de uma empresa parceira, a Coprel Telecom, na prestação de serviço de banda larga no interior do Rio Grande do Sul. Dos 56 mil cooperados, cerca de 30 mil, além de energia elétrica, também recebem internet.

“Há uma pressão dos nossos cooperados para que a gente leve o serviço de banda larga para o interior. A demanda é muito grande, a maior parte das propriedades não tem nenhum sinal e, quando tem, não é de boa qualidade”, afirma o presidente da Coprel, Jânio Vital Stefanello. “Nós, como uma cooperativa de

energia, podemos levar internet de excelência, por meio de fibra ótica sobre a rede elétrica”, completa.

Stefanello conta que, em vários países, a prestação de serviço de telecomunicações por cooperativas é bem-sucedida. Ele cita como exemplos os Estados Unidos e a Argentina. “Os americanos têm cerca de 170 cooperativas e os argentinos, por volta de 100 levando conectividade para o interior”, informa.

O presidente da Coprel destaca que, com a pandemia, a demanda por banda larga no campo vem crescendo. “Um dos principais motivos é a educação, que passou a ser a distância. A internet tem que ser boa”, afirma. “Além disso, temos muitas pessoas de idade no interior, que estão longe dos filhos, dos familiares, e querem usar o WhatsApp, mandar uma mensagem, fazer um vídeo para se corresponder com eles. E, fora isso, a internet é um dos fatores-chave para a permanência do jovem no campo”, ressalta Stefanello.

## CAMINHO PAVIMENTADO

Enquanto a votação da lei que regulamenta a atuação das cooperativas no setor de telecomunicações não sai, é possível comemorar um importante avanço em prol da conectividade no campo. Em dezembro passado, foi sancionada a Lei 14.109/2020, que permite o uso de recursos repesados do Fundo de Universalização dos Serviços de Telecomunicações (Fust) em linhas de crédito, investimentos estatais ou como garantia para projetos do setor. A pedido da OCB e com apoio da Frencoop, as cooperativas foram incluídas na permissão de utilização desses recursos.

## “O QUE QUEREMOS É VIABILIZAR ESSA ATUAÇÃO PLENA DAS COOPERATIVAS COMO PROMOTORAS DE CONECTIVIDADE RURAL.”

Fabíola Nader Motta



Um dos principais articuladores em relação ao crescimento do acesso à Internet em áreas rurais, o senador Luiz Carlos Heinze (RS) acredita que a liberação dos recursos vai contribuir para “uma verdadeira revolução digital no campo” e que a participação das cooperativas nesse processo será fundamental. “A legislação já admite, por exemplo, que as cooperativas levem cabos de fibra ótica nos postes de eletrificação. No caso do agro, uma das possibilidades é oferecer assistência técnica via internet”, explica.

Na prática, a nova norma equaliza as linhas de crédito com taxas menores e serviços mais acessíveis ao produtor rural. Assim, tende a baratear os custos de financiamento de tecnologias que contribuem para o incremento da agricultura de precisão a partir da racionalização do uso de insumos, aumento da produtividade e outras soluções de inteligência competitiva.

## Novo mercado em vista

Também na pauta legislativa do cooperativismo para 2021 está o PLP 519/2018, que permite a participação das cooperativas no mercado de seguros no Brasil. Já aprovado nas comissões, o projeto espera desde 2018 ser pauta para votação em plenário.

“Em nível global, a presença das cooperativas no mercado de seguros é consolidada e significativa, representando 27% do total. São 5,1 mil, presentes em 77 países, com 922 milhões de membros atendidos e US\$ 8,9 trilhões em ativos totais”, destaca o presidente da Frente Parlamentar do Cooperativismo (Frencoop), deputado federal Evair de Melo. Os dados são da Federação Internacional de Seguros Mútuos e Cooperativos.

“Assim, diante de comprovado sucesso das cooperativas segura-

doras, que fornecem concorrência e escolha para os consumidores, contribuindo para a pluralidade e a diversidade corporativa, é importante a participação das sociedades cooperativas no mercado de seguros no Brasil, desde que haja conformidade com a Lei 5.764/1971 (Lei Geral do Cooperativismo) e com uma regulação adequada ao modelo cooperativista”, afirma Melo.

Hoje, as cooperativas podem operar unicamente em seguros agrícolas, de saúde e de acidentes do trabalho. A OCB busca suprimir essa limitação, para que as cooperativas possam atuar em novas atividades, atendendo às necessidades dos seus cooperados e com a devida fiscalização da Susep.

“É importante tornar essa atividade legal, fomentando todo um setor de cooperativas de seguro”, aponta Fabíola Nader Motta. “Hoje, uma cooperativa de transporte de carga rodoviário, por exemplo, não pode atuar como seguradora da própria frota. Há uma série de restrições. É preciso mudar esse cenário”, afirma.

CRÉDITO: FABIO RODRIGUES POZZEBOM/AGÊNCIA BRASIL



## “EM NÍVEL GLOBAL, A PRESENÇA DAS COOPERATIVAS NO MERCADO DE SEGUROS É CONSOLIDADA E SIGNIFICATIVA.”

Evair de Melo,  
presidente da Frente Parlamentar do  
Cooperativismo (Frencoop), deputado federal

**“PARA CADA REAL ORIGINADO EM CRÉDITO PELO SISTEMA DE COOPERATIVAS, O VALOR AGREGADO DE R\$ 2,45 É ADICIONADO À RENDA DA REGIÃO E UM NOVO EMPREGO É CRIADO PARA CADA R\$ 36 MIL DE CRÉDITO CONCEDIDO.”**

**Roberto Campos Neto,**  
presidente do Banco Central

*Modernização da lei das cooperativas de crédito*

A atualização da Lei Complementar 130/09, que criou o Sistema Nacional das Cooperativas de Crédito, também vai receber atenção especial do Sistema OCB neste ano. O objetivo do PLP 27/2020 é modernizar a forma de participação do cooperado em sua cooperativa de crédito, ao aprimorar regras de governança, atualizar o conceito de área de atuação das cooperativas, possibilitar a oferta de novos produtos e serviços e



CRÉDITO: MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL

instituir regras mais claras de organização sistêmica. Desde abril de 2020, o projeto aguarda designação de relator na Comissão de Finanças e Tributação da Câmara dos Deputados, visto que, com a pandemia, a comissão não foi instalada no último ano.

Entre os novos produtos e serviços que seriam permitidos com a aprovação da lei estão os empréstimos sindicalizados, quando duas ou mais cooperativas do mesmo sistema unem forças para, juntas, atenderem a determinadas demandas de crédito de seus cooperados. “Com a alavancagem, torna-se mais viável o atendimento a cooperados que não conseguem tomar crédito na sua própria cooperativa por restrição de limite operacional”, explica Fabíola Nader Motta.

O projeto também prevê delegar ferramentas e poderes maiores

para as centrais e confederações realizarem o trabalho de supervisão auxiliar. Amplia a participação do cooperado na gestão da cooperativa e permite a realização de campanhas promocionais visando atrair novos associados e integralizar quotas-partes.

“Com regras mais claras de organização sistêmica, a nova lei delimita possíveis conflitos de interesse e agiliza os processos de tomada de decisão, promovendo o maior fortalecimento de estruturas de supervisão do modelo societário cooperativo”, destaca Fabíola.

O deputado federal Arnaldo Jardim (SP) destaca que a Lei Complementar 130/2009 foi um marco para o Sistema Nacional de Crédito Cooperativo (SNCC) ao regulamentar esse importante segmento do Sistema Financeiro Nacional. “Distribuídas por todo o País, as cooperativas de crédito auxiliam na inclusão financeira e colaboram para o surgimento de prósperas e novas realidades socioeconômicas no interior do país, gerando riqueza e melhoria da qualidade de vida dos brasileiros”, afirma o parlamentar, que é autor do projeto.

Mas com a velocidade em que o mundo se transforma, destaca Jardim, são necessários ajustes na lei. “O surgimento de novas tecnologias e formas de interação fazem com que, em especial, o mercado financeiro esteja num movimento contínuo de evolução”. Ou seja, é preciso adaptar a legislação às práticas mais modernas de mercado.

### **FORÇA FINANCEIRA**

Em cerca de 600 cidades brasileiras, as cooperativas de crédito são o único agente financeiro presente fisicamente, oferecen-

do, além de serviços bancários, inclusão. Em 2019, segundo dados do Banco Central, 827 cooperativas do setor atenderam cerca de 10,7 milhões de pessoas, gerando mais de 71 mil postos de trabalho.

Quer entender ainda mais a importância do cooperativismo para o Brasil? No ano passado o setor destinou aos cofres públicos R\$ 1 bilhão em tributos e pagou R\$ 4,6 bilhões a funcionários por meio de salários e benefícios. O patrimônio líquido das cooperativas de crédito brasileiras totalizou R\$ 56,5 bilhões e os ativos totais superaram R\$ 310 bilhões, demonstrando grande capacidade na obtenção de resultados positivos.

Segundo pesquisa realizada pelo Sicredi, a presença de cooperativas de crédito em uma determinada região afeta positivamente os indicadores econômicos: o número de estabelecimentos por milhares de habitantes se eleva, em média, 19,6%; a proporção das vagas de emprego formal em relação à população em idade ativa cresce, em média, 6,2% e a renda per capita da região aumenta em média 5,6%.

“Além disso, para cada Real originado em crédito pelo sistema de cooperativas, o valor agregado de R\$ 2,45 é adicionado à renda da região e um novo emprego é criado para cada R\$ 36 mil de crédito concedido”, informou o presidente do BCB, Roberto Campos Neto, em discurso durante a apresentação do PL 27/2020.

Segundo Campos Neto, a meta do Banco Central é que, até 2022, o percentual de participação das cooperativas no crédito seja de 20%, ante 8% registrados em 2018. Além disso, metade dos empréstimos devem ser feitos a

cooperados de baixa renda. Em 2018, esse percentual foi de 33%.

“São metas realistas. Especificamente em relação à participação das cooperativas no crédito, outros países já têm atualmente percentual mais elevado. A Alemanha, por exemplo, tem 20%; a Holanda, 39%; e a França, 60%”, destaca o presidente do Banco Central.

### **UM NOVO OLHAR SOBRE A LEI GERAL DAS COOPERATIVAS**

Em 2021, a Lei Geral das Cooperativas completa 50 anos. Durante todo esse período, a legislação vem ajudando a promover o crescimento do cooperativismo, mas, a exemplo da lei das cooperativas de crédito, também precisa ser modernizada. O objetivo é fazer aprimoramentos pontuais e atualizar práticas, sem necessidade de revogá-la.

“Atualizar a lei que rege as cooperativas é fundamental para o desenvolvimento delas. Nossa base legal é robusta e eficiente, mas o mercado evoluiu e a tecnologia revolucionou a forma de se empreender coletivamente. As cooperativas precisam acompanhar essas mudanças da sociedade e da economia nacional”, destaca o presidente do Sistema OCB, Márcio Lopes de Freitas.

Além de atualizar a estruturação da governança nas cooperativas, a modernização da lei geral, avalia o presidente do Sistema OCB, precisa definir um modelo de recuperação judicial adequado às cooperativas e ampliar a possibilidade de utilização dos meios tecnológicos para cumprimento de procedimentos e obrigações legais, desde que a inovação seja praticada sem prejuízo à segurança jurídica e documental. ■



# SEMEANDO

# eletricidade

**COOPERATIVAS DE ENERGIA DO RIO GRANDE DO SUL SE DESTACAM COMO AS MELHORES DO BRASIL NO ÍNDICE DE APROVAÇÃO E SATISFAÇÃO DO USUÁRIO, E MOSTRAM COMO A FORÇA DO COOPERATIVISMO E A PARCERIA ENTRE ELAS SÃO UM NEGÓCIO QUE TEM TUDO PARA DAR CERTO**

Por Rita Frazão

A vida no escuro pode ser assustadora. Viver, hoje, sem energia é algo que está fora de cogitação nas grandes cidades, mas ainda é a realidade em algumas regiões do Brasil. Dados da *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad)* de 2019 estimam que 99,8% dos domicílios têm energia elétrica, seja fornecida pela rede geral ou por fonte alternativa. Apesar da estimativa, o último *Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)* mostra que 2,5 milhões de domicílios brasileiros não têm acesso a energia elétrica.

Para mudar esse cenário e levar energia a todo o território nacional, diversas cooperativas de infraestrutura têm procurado investir nesses serviços e fazer parcerias para atender cada vez mais pessoas, principalmente as que moram em áreas mais afastadas dos grandes centros.

Não é à toa que, das dez melhores empresas do Brasil no ranking feito, em 2019, pela Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel), nove são cooperativas. E isso não é só de agora. Nos últimos dez anos, as cooperativas marcam presença no ranking geral do Índice de Satisfação do Consumidor, mostrando que o cooperativismo só tende a melhorar com o passar do tempo.

“A pesquisa aponta como o cooperativismo tem dado espaço às melhorias, para um melhor resultado. As cooperativas buscam o equilíbrio, sempre com o objetivo de fazer a diferença na vida das pessoas”, explica o presidente da Confederação Nacional das Cooperativas de Infraestrutura (Infracoop) e da Coprel Cooperativa de Energia (RS), Jânio Vital Stefanello.

Para o presidente da cooperativa Ceriluz (RS), Iloir de Pauli, as notas

das cooperativas nas pesquisas de satisfação do consumidor valorizam o trabalho prestado por cada uma e são a prova da excelência do serviço.

“Mais difícil do que alcançar uma boa nota, é mantê-la e evitar acomodação. Isso nos mobiliza a fazer sempre o melhor trabalho e manter a qualidade se faz com investimentos, principalmente, valorizando o colaborador, pois é ele quem realmente faz acontecer. É ele quem planeja, define e coloca a infraestrutura de pé. É ele que está mais próximo do nosso associado”, pondera Iloir.

Das dez melhores empresas do Brasil, cinco são cooperativas gaúchas.

## Investimento

Investir para continuar entregando um serviço de qualidade à população é o lema das cooperativas gaúchas, que hoje atendem centenas de municípios. Uma delas, a Coprel, atende áreas urbanas, distritos industriais, loteamentos residenciais e turísticos, mas tem um olhar mais cuidadoso com as regiões do interior — principalmente, a área rural, onde o acesso a energia é mais difícil.

Com mais de 17 mil quilômetros de rede e 180 mil postes instalados, a cooperativa conta com Centrais Hidrelétricas próprias e tem planos para instalação de novas usinas para continuar levando energia limpa aos cooperados. Uma das metas é a criação de uma Pequena Central Hidrelétrica (PCH), em conjunto com a Ceriluz.

Para Jânio, além do investimento na parte de infraestrutura, o trabalho de intercooperação é essencial para que o serviço prestado esteja de acordo com os anseios dos cooperados. Iloir de Pauli defende que as

parcerias “ampliam significativamente a capacidade de investimentos”, fazendo com que muitos projetos não fiquem apenas no papel.

Das mais de 56 mil famílias que a Coprel atende, a dos irmãos Francisco e Dorvalino Longaretti é umas das beneficiadas. No interior do estado, no município de Muliterno, cidadezinha com quase 2 mil habitantes, os Longarettis fizeram questão de seguir o trabalho rural do pai, que atua na área leiteira e no plantio de grãos.

Com o sucesso do negócio e as novas tecnologias do campo, os irmãos decidiram fazer mudanças na propriedade para promover o bem-estar dos animais, aumentar a produção do leite e facilitar o trabalho, investindo na instalação de um **compost barn** e na troca da ordenhadeira elétrica. Para que tudo isso desse certo, era preciso ter certeza de que a energia chegaria com sucesso à área rural.

“O trabalho de energia que vem sendo feito às famílias do meio rural é o nosso braço direito e oferece qualidade de vida, além do conforto”, comenta Francisco.

## Plano conjunto

Berço do trabalho em equipe, a intercooperação reacende o espírito cooperativo e traz à tona a solidariedade e o comprometimento para melhorar o desempenho de atividades em comum de cooperados e cooperativas.

No Rio Grande do Sul, 15 cooperativas de energia se uniram para melhorar os serviços prestados e atuar em conjunto, semeando os bons frutos. Em uma extensão de 281.748 km<sup>2</sup>, a região gaúcha é uma área afetada por vendavais, que acabam resultando em constantes picos de energia, principalmente em zonas isoladas.

Sistema de instalação que consiste em um grande espaço físico coberto para o descanso das vacas, revestido com serragem, sobras de corte de madeira e esterco compostado. O principal objetivo é garantir aos animais conforto e um local seco para ficarem, e a compostagem do material da cama.



Na tentativa de amenizar o problema da falta de eletricidade em situações chuvosas, foi criado o **Plano de Operação e Manutenção para Dias de Contingência**. De acordo com o presidente da Ceriluz, os resultados do plano têm sido positivos, principalmente aos associados, que ganham agilidade no retorno da luz.

“Graças a esse trabalho de anos entre as cooperativas, a relação entre diretores, engenheiros e técnicos é muito próxima, o que facilita a comunicação. Havendo necessidade, as cooperativas trocam informações e aquela que tiver a possibilidade auxilia a outra que foi mais duramente atingida pelos temporais”, explica Iloir de Pauli.

Em 2018, segundo Jânio Stefanelli, houve um grande temporal na região que levou à destruição de muitas casas em pequenas cidades do estado. À época, a Coprel registrou a queda de 1.400 postes de concreto. Para solucionar o problema de forma ágil, a cooperativa acionou o plano de contingenciamento e contou com a ajuda de oito cooperativas para a reconstrução da rede. Em um dia e meio, cerca de 70 quilômetros de linhas de transmissão foram reconectados.

“As cooperativas que não foram afetadas pela tempestade conseguiram mandar as equipes para a reconstrução. Foi terrível! Mas, até o outro dia, conseguimos restabelecer a energia. Escutamos muito dos cooperantes que a água ainda não havia voltado, mas a energia, sim. Nós conseguimos fazer antes dos outros serviços essenciais, mas porque as outras cooperativas nos ajudaram. Então, eu fico muito feliz, porque o plano dá certo, ainda mais em momentos emergenciais, que é onde os nossos associados mais precisam”, relembra o presidente da Coprel.

Atualmente, 400 mil famílias são beneficiadas pelas cooperativas de energia do Rio Grande do Sul. E o plano de contingência beneficia as 15 cooperativas!

## Diferencial

Para Iloir de Pauli, o grande diferencial das cooperativas em relação às concessionárias está na proximidade com o associado. Como a área de ação é menor e os gestores fazem parte do grupo de associados, isso facilita a troca de informações, aumentando o compromisso de atender da melhor maneira.

“A aproximação facilita conhecermos melhor a nossa área de ação, as características de demandas de cada município, facilitando o nosso planejamento”, defende.

E não é só Iloir a defender o planejamento. Stefanelli também ressalta a importância de metas para lidar com momentos assim.

“Tem concessionárias muito bem geridas e outras que têm dificuldades. Para as que têm dificuldade, eu acho que deveria haver o planejamento de redundância. Aqui, no interior, a gente faz isso. Quando estamos em uma subestação, a gente já coloca um outro transformador ao lado, para o caso de um parar de funcionar” comenta.

## Comunicação

Um dos pontos mais defendidos pelas cooperativas é a relação entre cooperado e cooperativa. Na Coprel, pesquisas de satisfação são feitas constantemente para saber como os cooperados avaliam o serviço recebido. Devido à pandemia, a cooperativa também reforçou os canais de atendimento *on-line* para facilitar o acesso à informação e a comunicação.

Para a Creluz (Cooperativa de Distribuição de Energia), agir com compromisso e optar, pelas ações que mais beneficiam a população são as ferramentas ideais para garantir a satisfação e o bom atendimento ao cooperado. ■

Documento que une 15 cooperativas do Rio Grande do Sul para a atuação em casos de emergência. Como os temporais não acontecem em todas as localidades do estado gaúcho ao mesmo tempo, a cooperativa que não é afetada por um temporal se compromete a auxiliar a outra.

Termo que se refere à duplicação dos elementos que compõem a infraestrutura. É o caso de ter um aparelho para substituição quando o que está sendo utilizado apresentar algum problema.

ON AIR

# Rita Mundim

Por Tchêrena Guimarães

**ÚNICA MULHER DO TRIO DE PERSONALIDADES QUE RECEBEU O TÍTULO DE INFLUENCIADOR COOP, ELA USA A VOZ PARA DEFENDER NOSSO MODELO DE NEGÓCIOS NO RÁDIO**

“Quando você defende aquilo que acredita e gosta, faz isso sempre com naturalidade.” A frase da economista Rita Mundim, 63 anos, revela não só a paixão nutrida pelo cooperativismo, mas também a facilidade em difundir e dar visibilidade a um modelo de negócio que prioriza as pessoas e que busca justiça social. Pelo trabalho consistente de divulgação do movimento, ela recebeu o título de Influenciadora Coop, em votação popular realizada pelo *Prêmio SomosCoop Melhores do Ano*. Rita — a única mulher do trio de personalidades que recebeu a honraria — foi a mais votada.

“É uma honra, mas também é uma responsabilidade. Tenho uma função de mais responsabilidade na inspiração das pessoas e na visibilidade do cooperativismo”, revela. “Quando você acredita em uma coisa, você passa a amar e a defender aquilo. Tanto com o cooperativismo quanto com a economia, é assim”.

Sede de conhecimento, habilidade em ensinar e interesse pelo que é novo são características que a nossa influenciadora carrega desde cedo. As escolhas profissionais mostram um pouquinho disso. Ela chegou a fazer duas faculdades simultaneamente. Primeiro, foi o Jornalismo, e logo se apaixonou pelas disciplinas de economia oferecidas no curso. Passou, então, a cursar Economia também.

O objetivo inicial era ser uma jornalista especializada em economia. A falta de tempo — já que também trabalhava como professora de inglês — e as limitações financeiras acabaram fazendo com que optasse por continuar apenas a graduação de Economia na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mas, é só olhar para tudo o que ela faz atualmente para perceber que todo o desejo e empenho da juventude, aliados à vocação para transmitir informações, acabaram levando Rita para um caminho repleto de possibilidades.

## Multitarefa

Especialista em mercado de capitais, comentarista econômica na Rádio Itatiaia, colunista do jornal *De Fato Online*, professora na Fundação Dom Cabral, palestrante, consultora e administradora de *Carteira de Valores Mobiliários*. Rita é tudo isso e muito mais! “Nunca tive só uma atividade. Sempre tive várias. Faço muito de tudo, graças a Deus”, conta.

Solteira, ela considera cada sobrinho e sobrinha seus filhos. Paixão? Teve várias, mas três têm espaço cativo no coração: o Galo (Atlético Mineiro), o rádio e o cooperativismo.

A paixão pelo nosso movimento é antiga. Surgiu há quase 20 anos, quando ela foi convidada pelo Sistema Ocemg para capacitar cooperativas de crédito a operarem no mercado de capitais. Dedicada a entender melhor os novos clientes, ela se debruçou



sobre o nosso universo, acreditou no que viu e passou a difundi-lo espontaneamente, desde então.

“As cooperativas ficaram sabendo do meu curso [que auxiliava em uma certificação] e eu fui procurada para levar essa solução para elas”, lembra. “E foi a minha sorte! Eu entrei no cooperativismo e conheci as cooperativas. Mesmo sendo economista, não conhecia esse maravilhoso mundo. Então, me apaixonei”, declara, entusiasmada.

Hoje, o cooperativismo está presente na vida de Rita de várias formas. E, por causa da especialista, chega a tantas outras vidas também. Além de ser cooperada do Sicoob, ela ministra palestras sobre estratégias econômicas para vários ramos de cooperativas; aborda o assunto em suas análises e comentários econômicos nos veículos de comunicação, além de difundir o setor para o público que ainda não conhece o modelo e estimular que façam negócios com cooperativas.

Toda essa dedicação levou Rita a ser agraciada com o título de Influenciadora Coop, na última edição do Prêmio SomosCoop – Melhores do Ano. “Eu me defino como uma pessoa apaixonada pelo trabalho e apaixonada por fazer o que gosto. E, graças a Deus, sempre fiz o que eu gosto”, revela.

## Ligada na Tomada

A jornalista Juliana Magalhães, que acompanha Rita há mais de 25 anos como sócia, é testemunha de todo o empenho e a dedicação que pautaram a vida da mineira. “Ela vive o trabalho dela e todos os projetos de uma forma muito intensa. As pessoas que trabalham com a Rita já sabem que ela é ligada no 220V. Adora trabalhar. Não tem hora para começar, nem para terminar”, conta.

O resultado não podia ser diferente: a especialista tem um grande reconhecimento em Minas Gerais e no país, pelo trabalho que desempenha e por sua credibilidade.

“Ela é extremamente metódica, exigente. E, principalmente: a maior qualidade dela é ser uma professora nata. Por ser muito inteligente, Rita tem um conhecimento muito amplo de tudo. Ela não retém o conhecimento para si, faz questão de repassar o que pensa e as experiências, de compartilhar o ponto de vista”, acrescenta.

**“QUANDO VOCÊ ACREDITA EM UMA COISA, VOCÊ PASSA A AMAR E A DEFENDER AQUILO. TANTO COM O COOPERATIVISMO QUANTO COM A ECONOMIA, É ASSIM.”**



O dom de ensinar e a vontade de aprender sempre mais são marcas da especialista. Assim que ela saiu da faculdade, foi convidada para dar aulas sobre mercado de capitais na Fundação Dom Cabral. À época, também foi trabalhar na bolsa de valores e em corretoras. Depois, fez mestrado em administração e duas especializações: em mercado de capitais, e em ciências contábeis.

A descoberta sobre o mundo cooperativo, sua visão de mundo e seus valores, entretanto, trouxeram um verdadeiro sentido para a vida de Rita. Não à toa, ela sempre se refere ao cooperativismo como uma paixão. Para a especialista, esse é o modelo de organização econômica e social ideal, e representa uma verdadeira ponte entre o comunismo e o capitalismo.

“O comunismo quer distribuir, mas o que ainda não foi produzido. O capitalismo produz com muita eficiência, mas o capitalismo selvagem está criando grandes empresas e um prejuízo social. E a gente tem, no meio do caminho, o cooperativismo, que reúne as pessoas para produzir e reparte aquilo que foi ganho. Então, na minha visão, é o modelo de produção viável para planeta e seres humanos”, afirma.

Para ela, nosso jeito de fazer negócios é repleto de vantagens por priorizar a melhoria de vida das pessoas e não o lucro pelo lucro. “Uma SA [Sociedade Anônima] de capital aberto reúne dinheiro; as cooperativas, não. Elas reúnem pessoas para produzir e depois distribuir o resultado dessa produção. A SA tem os sócios, que não necessariamente são clientes. Nas cooperativas, não: são os cooperados que tocam o próprio negócio”, exemplifica.

## A dona da voz

A voz de Rita em defesa do cooperativismo e daquilo que acredita ecoa — literalmente — nos quatro cantos do país. E vai além. Ela já foi reconhecida até na cidade norte-americana de Boston. “Fui a um mercado e o pessoal me reconheceu pela voz”, diverte-se. O fato mostra um pouco da audiência e penetração da Rádio Itatiaia, que é uma das maiores emissoras radiofônicas do país. “É principalmente por meio dela que dou voz ao cooperativismo. Sempre elogio o Dia C [o Dia de Cooperar] e eventos que as cooperativas produzem nas comunidades”, conta.



Nas análises e palestras, ela trata da dinâmica do mercado financeiro. “Como mexo com mercado de capitais, tenho que entender de mercado financeiro”, explica. E, sem falsa modéstia, admite: “Sou boa nisso. Eu gosto muito de tratar cenários, o que vai acontecer com o país ano que vem, o que pode acontecer se o juro cair ou subir. Eu ministro palestras no país inteiro sobre macroeconomia, principalmente. Com essa paixão, tenho aplicado muito meus conhecimentos para o cooperativismo e ressaltando para todo mundo como o cooperativismo é aderente aos valores do século 21”, conta.

Apesar de a primeira cooperativa ter nascido no século 19, os principais valores que norteiam o movimento estão cada vez mais atuais: transparência, solidariedade, igualdade, responsabilidade, empatia e interesse pela comunidade. “Passamos praticamente um século [o século 20] sem um

crescimento tão grande do cooperativismo e com uma destruição imensa do planeta”, lamenta.

Ainda segundo ela, outro argumento irrefutável sobre a importância desse modelo econômico está no fato de que comunidades com cooperativas possuem Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) maior do que aquelas que não têm. “E acho que o cooperativismo vai ter um crescimento muito grande nos próximos anos, em função dessa aderência dos princípios cooperativistas aos valores deste século”, projeta. “Descobrimos, tardiamente, que a coisa mais importante que existe no planeta são as pessoas. Essas pessoas precisam ser capacitadas, essas pessoas precisam ser respeitadas, tanto socialmente quanto ambientalmente.”

Todo esse discurso não está só na teoria, na vida de Rita. Segundo a jornalista Juliana Magalhães, que convive com a economista diariamente, nossa Influenciadora Coop realmente tem uma ligação forte e genuína com o nosso modelo de negócios.

“Ela é uma entusiasta de fato. Desconheço alguém que fale com tanta verdade, com tanta sinceridade e com tanto amor sobre o cooperativismo. Ela realmente acredita nos princípios cooperativistas e leva isso para a vida profissional. Houve uma sinergia muito grande entre a Rita e o cooperativismo”, avalia.

## Premiação

Ser escolhida como influenciadora pelo voto popular deu a Rita uma dimensão do reconhecimento de seu ofício junto ao cooperativismo. “Primeiro, me senti hon-

rada pela indicação. Isso já foi um prêmio. Depois, descobri a força do cooperativismo, pois foi uma votação popular, construída. Então, o prêmio não é meu, mas de uma coletividade que votou no meu trabalho. É assim no cooperativismo”, ressalta.

Para Ronaldo Scucato, presidente da Ocemg — entidade que fez a indicação de Rita ao *Prêmio SomosCoop Melhores do Ano* (veja matéria da página XX)— a sugestão do nome da economista foi fruto da admiração de todo o sistema mineiro pelo trabalho sério e competente realizado por ela.

“Rita passou a fazer análises de cenário econômico, considerando não apenas o cooperativismo de crédito, mas os resultados desse segmento para a sociedade. Hoje, ela tem grande representatividade junto às cooperativas mineiras e do Brasil, repercute nossos propósitos e é uma defensora nata do cooperativismo”, ressalta Ronaldo. “Por isso, a nossa escolha e a nossa indicação: por entender que ela atendia a todos os requisitos da categoria, e com louvor.”

O resultado da premiação não foi uma surpresa para o presidente da Ocemg. “Ela realmente acredita em nosso segmento e é uma incansável defensora, além de parceira, de nossas atividades. Consideramos muito merecido que ela tenha sido a Influenciadora Coop mais bem votada do país, numa disputa por votação popular com 33 concorrentes de notória credibilidade”, explica Ronaldo.

Apesar de a honraria ter chegado em tempos de pandemia, Rita já traça planos para continuar representando o cooperativismo no futuro. “Eu quero fazer algo planejado, para que eu consiga tratar as pautas relevantes do cooperativismo de uma forma ainda mais intensa do que eu vinha fazendo até aqui”, planeja. ■



**“EU ME SENTI HONRADA PELA INDICAÇÃO. ISSO JÁ FOI UM PRÊMIO. DEPOIS, DESCOBRI A FORÇA DO COOPERATIVISMO, POIS FOI UMA VOTAÇÃO POPULAR, CONSTRUÍDA. ENTÃO, O PRÊMIO NÃO É MEU, MAS DE UMA COLETIVIDADE QUE VOTOU NO MEU TRABALHO. É ASSIM NO COOPERATIVISMO.”**

# Fazer o bem

## TRANSFORMA

EM UM ANO ATÍPICO, EM QUE O ISOLAMENTO SOCIAL FOI REGRA, SISTEMA OCB PREMIA COOPERATIVAS QUE “NÃO DEIXARAM A PETECA CAIR” E APRESENTARAM SOLUÇÕES, PROJETOS E INICIATIVAS DE IMPACTO SOCIAL POSITIVO PARA A POPULAÇÃO

Por Mariana Branco

**M**esmo em um ano marcado pela maior crise de saúde já enfrentada pelo mundo, o engajamento das cooperativas em iniciativas importantes para as comunidades — muitas delas de enfrentamento à pandemia de Covid-19 — impressionou. No total, 595 projetos de 320 cooperativas, representando 22 estados, foram inscritos na 12ª edição do Prêmio SomosCoop – Melhores do Ano.

Segundo Renato Nobile, superintendente do Sistema OCB, o objetivo foi premiar as boas práticas e a promoção de impacto social positivo nas comunidades. No ano da pandemia, as cooperativas estiveram à altura do desafio lançado.

“As cooperativas não pararam, estão muito ativas. Algumas tiveram diminuição de seus serviços, tiveram de se adaptar. Mas, durante a pandemia, o cooperativismo está dando uma resposta

ao país e muitos dos projetos este ano vieram de práticas ou ações das cooperativas no enfrentamento à pandemia”, ressalta Nobile, destacando que, mesmo com a emergência sanitária, houve um aumento de 27% no número de projetos inscritos em comparação com a edição de 2018.

O Prêmio SomosCoop se divide em dois enfoques, que se alternam a cada ano. Nos anos pares, a premiação é para os Melhores do Ano em seis categorias, em sintonia com os princípios do cooperativismo: Comunicação e Difusão do Cooperativismo; Cooperativa Cidadã; Cooperjovem; Fidelização; Inovação e Intercooperação. Nos anos ímpares, é realizada a premiação SomosCoop – Excelência em Gestão, que em 2019 teve sua quarta edição.

Em 2020, pela primeira vez, o prêmio contou com a categoria Influenciadores, que escolheu três pessoas ligadas ao cooperativismo que se destacaram no mundo digital (**veja quadro**), com base no voto popular de 14,2 mil pessoas.

Para 2021, uma novidade: o lançamento de uma plataforma que reunirá os cases vencedores de todas as edições do Prêmio SomosCoop. “A gente está lançando uma plataforma para fazer o compêndio desses projetos todos. Uma prática que uma cooperativa desenvolve no Nordeste pode ser aproveitada por uma cooperativa no Sul e no Sudeste”, exemplificou Nobile. Ele prevê que a plataforma estará em operação ainda no primeiro semestre deste ano.

Nobile elogiou o interesse crescente das cooperativas em compartilhar as práticas bem-sucedidas, apesar do grande volume de afazeres — em muitos casos, intensificado com a chegada da pandemia.

O superintendente lembrou que muitas cooperativas atuam em áreas essenciais e realizaram um trabalho fundamental para garantir o acesso a itens de primeira necessidade durante a crise sanitária, como alimentos, remédios e equipamentos de proteção. É o caso, por exemplo, do setor agropecuário e de transportes. Além disso, Nobile destaca a atuação das cooperativas de saúde, cujos profissionais garantiram todo o atendimento necessário à população.

“São cooperativas que estão na linha de frente do combate à pandemia, assim como as cooperativas agropecuárias, que não pararam em nenhum momento, e as de transporte, fazendo o seu papel fundamental na interface de logística, tanto da produção de alimentos quanto no atendimento à saúde. O cooperativismo brasileiro, e, com certeza, o mundial, tem um papel muito importante em uma crise como essa que estamos passando”, afirmou.

O cooperativismo foi fundamental nos meses mais duros da pandemia, seja pela atuação em áreas essenciais ou por levar educação, sonhos e esperança em meio ao caos. A partir de agora, será essencial também na reconstrução do país e da economia.

Confira a história de sucesso dos projetos ganhadores do Prêmio SomosCoop em cada categoria.

### Escola de cooperativa

O Programa de Educação Cooperativista, Empreendedora e Financeira do Municípios do Sicoob Credichapada, no município de Chapada Gaúcha (MG), foi o projeto vencedor da categoria Comunicação e Difusão do Cooperativismo. E não por acaso. Um dos resultados do projeto é que a cidade conta, hoje, com a Lei nº 724/2016, uma legislação municipal que





Cooperativa Escolar UNICOOP

Cooperativa Escolar COOPERDARIO

## “É MUITO IMPORTANTE TAMBÉM NA FORMAÇÃO DA PESSOA COMO SER HUMANO, SABER QUE ELA PODE SE DESENVOLVER NO PRÓPRIO LOCAL ONDE MORA E CONTRIBUIR PARA A COMUNIDADE.

**Romildo José da Silva,** responsável pelo programa no Sicoob Credichapada



torna parte do currículo escolar a disciplina Cultura Empreendedora, Cooperativista e Financeira.

A região tem, ainda, cinco cooperativas escolares, três em escolas municipais e duas em escolas estaduais. Duas trabalham com artesanato e as demais com doces, biscoitos e hortaliças.

O pedagogo Romildo José da Silva, responsável pelo programa no Sicoob Credichapada, conta que tudo começou em 2013, quando a cooperativa procurou a Secretaria de Educação do município com a ideia de ensinar cooperativismo nas escolas. Na época, Romildo era funcionário da secretaria. A ação, em princípio, foi tímida, devido a questões burocráticas, mas alguns professores gostaram tanto da iniciativa que chegaram a ir a Belo Horizonte para aprender mais sobre cooperativismo.

Em 2014, em uma parceria com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), o Sicoob Credichapada passou a ensinar uma metodologia da cultura empreendedora aos professores que, por sua vez, começaram a abordar cooperativismo e empreendedorismo em sala de aula. Em 2015, uma das escolas participantes decidiu constituir a primeira cooperativa escolar.

No ano de 2016, veio a cereja no bolo. O Banco Central ofereceu

um curso de capacitação financeira para formar multiplicadores, parceria da autoridade monetária com o Sescop Nacional. Naquele ano, a primeira turma de Chapada Gaúcha concluiu a capacitação e foi criado o projeto de lei que torna obrigatório o ensino de cultura empreendedora, cooperativista e financeira. Também em 2016, Romildo deixou a Secretaria de Educação para se dedicar inteiramente ao programa do Sicoob.

“Pedi exoneração do meu cargo público e vim aqui para o Sicoob trabalhar com o programa. Estava tomando dimensão maior e tinha necessidade de ter uma pessoa para responder pelo projeto e se relacionar com as escolas, com o Sebrae e o Banco Central”, explica o pedagogo.

Ele vê como principal mérito do programa o desenvolvimento econômico do município de Chapada Gaúcha, incluindo distritos e zona rural. “É muito importante também na formação da pessoa como ser humano, saber que ela pode se desenvolver no próprio local onde mora e contribuir para a comunidade. Essa questão da economia local, de não ter necessidade de sair, de ir para a cidade grande procurar emprego”, afirma.

## Incentivo ao desenvolvimento

O Sicredi Alto Uruguai, que atende municípios no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Minas Gerais, foi o vencedor na categoria Cooperativa Cidadã, com o projeto de implantação e promoção do Fundo Filantrópico de Incentivo a Projetos de Desenvolvimento Regional. Segundo a presidente da unidade, Angelita Marisa Cadoná, o objetivo do fundo é promover o desenvolvi-

mento humano, social, econômico e ambiental por meio de estímulo ao empreendedorismo na região.

“O fundo foi criado em 2017, quando foi aprovada em assembleia a destinação de R\$ 700 mil para projetos das entidades dos municípios onde estamos presentes. A partir da experiência positiva, a assembleia decidiu transformar a ação em estatutária. Foi decidido que, no mínimo, 3% das sobras das cooperativas fossem destinadas a essas instituições, para que, gradativamente, a gente possa ir desenvolvendo social e culturalmente.”

Angelita deixa claro que o percentual é um ponto de partida. Em 2020, a assembleia aprovou a destinação de 4% das sobras do exercício de 2019, o que representa cerca de R\$ 1,9 milhão para serem aplicados em programas de desenvolvimento local.

Uma das propostas financiadas foi o projeto Meu Tambo, Meu Futuro, que conquistou o terceiro lugar do prêmio SomosCoop – Melhores do Ano na categoria Intercooperação. “Tambo” é o nome que se dá às propriedades produtoras de leite. Neste projeto, a Cooperativa Tríticola Frederico Westphalen (Cotrifred) e suas associadas receberam cerca de R\$ 200 mil do fundo para aumentar a produtividade e a qualidade do leite.

“Houve todo um acompanhamento das propriedades rurais que produziam leite. Pequenos produtores com mão de obra familiar foram estimulados a aumentar e investir na produção de leite. Foi feito um trabalho de gestão financeira, aumento da qualidade, diminuição de custos com alimentação por meio do pasto. A gente teve indicadores maravilhosos de aumento de produtividade e renda, e o projeto estimulou a criação de um laticínio”, conta Angelita.

Segundo ela, o Sicredi Alto Uruguai presta contas da aplicação dos recursos periodicamente aos cooperados.

“É um fundo filantrópico, não tem devolução de recurso. Pela transparência, nós temos um período de prestação de contas, tanto do recebimento quanto da aplicação com toda a documentação, notas fiscais, justamente porque é um recurso estatutário”, explica.

De acordo com Angelita, os benefícios à comunidade e ao desenvolvimento regional são visíveis no projeto Meu Tambo, Meu Futuro. “Trabalhamos o conceito de que essa agilidade de produção de leite garantirá o futuro, a melhoria da qualidade de vida, a melhoria de renda. A gente está em uma região onde os filhos dos produtores rurais muitas vezes acreditavam que não poderiam ter futuro nessa propriedade dos pais. A gente trabalhou muito a questão de os filhos sucederem os pais”, diz.

## Aprendendo e ensinando

O Sicoob Fluminense levou o primeiro lugar do SomosCoop – Melhores do Ano na categoria criada especialmente para o Cooperjovem, programa do Sistema OCB que ensina cooperação nas escolas desde cedo.

Neilton Ribeiro da Silva, diretor-presidente da unidade, explica que, durante a capacitação de educadores para o Cooperjovem, surgiu a ideia de fundi-lo com um outro programa de sucesso, a Cooperativa Mirim, proporcionando um espaço para colocar o aprendizado em prática.

“Tivemos a felicidade e a ideia de juntarmos este projeto à Cooperativa Mirim. E aí a gente viu o crescimento, tanto do lado dos professores, que puderam aprender algo e colocar em prática, quanto dos alunos. Unir esses dois processos realmente foi a oportunidade de maturar uma

Projeto Meu Tambo, Meu Futuro: na foto, tarde de campo em Palmitinho



metodologia da cooperação e a vivência, na verdade, dessa prática dentro e fora da escola”, afirma.

O programa Cooperativa Mirim — também vinculado ao Sistema OCB — busca disseminar valores e princípios cooperativistas entre alunos sob a direção de um professor orientador. Basicamente, o Sicoob Fluminense articulou os dois projetos com o educador oriundo das turmas do Cooperjovem.

“Esses professores que fizeram o Cooperjovem ficaram acompanhando os alunos nas práticas do dia a dia, montando uma cooperativa, executando todas as atividades. Durou um ano e alguns meses, quase dois anos. E o programa está continuando”, relata Neilton.

O Sicoob Fluminense atua em cinco municípios do Rio de Janeiro: Campos dos Goytacazes, São Francisco de Itabapuna, Mendes, Carapebus e São Fidélis. No entanto, a experiência de articulação entre Cooperjovem e Cooperativa Mirim, por enquanto, só acontece em Mendes.

Um projeto dos alunos lembrado com carinho por Neilton é de um grupo de crianças da Cooperativa Mirim que gostaria de criar um parquinho na cidade. “Eles criaram uma cooperativa para produzir biscoitos, vender para ganhar dinheiro e fazer o parquinho na região deles. É uma coisa fantástica”, comenta. Para ele, o ensino do cooperativismo forma cidadãos conscientes.

“Ao exercer as funções dentro de uma cooperativa, eles acabam sendo líderes. Estamos formando líderes para o futuro”, conclui.

## Conexão que transcende distâncias

Quando veio a pandemia, o Sicredi Alto Uruguai — mesma cooperativa que ganhou o SomosCoop – Melhores do Ano na categoria Cooperativa Cidadã — viu-se às voltas com o desafio de manter o Líder Jovem e o

Sicredi Mulher, ambos programas de capacitação e aconselhamento presenciais.

As atividades foram redesenhadas do zero para o formato digital e, no auge do isolamento social, os projetos Maratona de Carreiras, para os jovens, e Flor&Ser, para mulheres, estavam a todo vapor.

A capacidade da cooperativa de se reinventar e continuar atendendo à região do Rio Grande do Sul, de Minas e Santa Catarina rendeu à instituição financeira também o primeiro lugar na categoria Fidelização.

“Nesse período de pandemia, a gente pensou em como estar próximo do associado sem estar perto dele. A gente olhou para as ferramentas digitais disponíveis no mercado e redesenhou [os programas] para o modelo digital. Conseguimos trabalhar com mais de 600 jovens, em duas turmas, e mais de 800 mulheres”, conta a presidente Angelita Marisa Cadoná.

Com os jovens, foram discutidas opções de carreiras, inclusive com a participação das famílias no último módulo da Maratona. A partir dos interesses dos participantes, o Sicredi organizou bate-papos com “padrinhos” que atuavam nas áreas pretendidas pelos garotos e pelas garotas.

“Eles conversaram com médicos, engenheiros e empresários, perguntando sobre desafios, experiências”, conta Angelita. Ao longo do processo, colocaram em prática ideias de negócios e projetos. “Tivemos uma menina que abriu uma loja digital, outra que escreveu um livro”, diz.

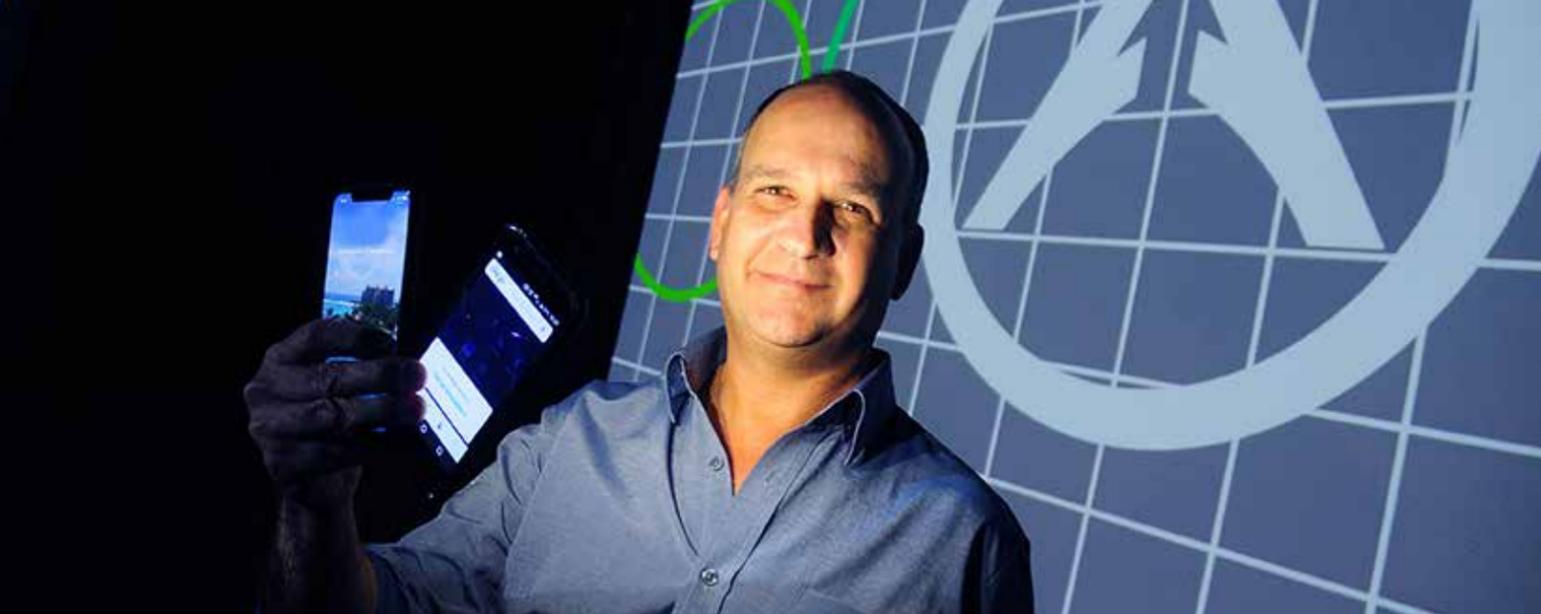
Já o projeto Flor&Ser trabalhou com nove turmas de mulheres que discutiram seus sonhos, o protagonismo feminino e o dia a dia como profissionais e mães. O projeto terminou com uma palestra digital do poeta Bráulio Bessa.

“O Sicredi Mulher, programa ao qual o Flor&Ser é vinculado, tem como pilares de sustentação o empreendedorismo e o autodesenvolvimento. O autodesenvolvimento passa muito pelo autoconhecimento. Nós só vamos ter mais mulheres na política e em cargos de alta liderança se elas estiverem preparadas, seguras, conscientes daquilo que elas querem ser”, comenta Angelita.



**“NESSE PERÍODO DE PANDEMIA, A GENTE PENSOU EM COMO ESTAR PRÓXIMO DO ASSOCIADO SEM ESTAR PERTO DELE. OLHAMOS PARA AS FERRAMENTAS DIGITAIS DISPONÍVEIS NO MERCADO E REDESENHAMOS PARA O MODELO DIGITAL.”**

**Angelita Marisa Cadoná,**  
presidente da Sicredi Alto Uruguai



## Inovação

Com 72 anos de existência, a Coplacana, que reúne produtores de cana-de-açúcar, cereais, fruticultores e pecuaristas, é uma cooperativa de longa tradição. Mas isso não significa que ela não esteja sintonizada com as mudanças do século 21. Em 2020, a cooperativa, cuja matriz fica em Piracicaba (SP) e conta com 16 mil cooperados e filiais em cinco estados, foi a vencedora do prêmio SomosCoop – Melhores do Ano, no quesito Inovação. O projeto vencedor foi o Avance Hub, um concentrador que identifica as demandas dos cooperados por serviços tecnológicos e busca as melhores soluções para cada um.

O responsável pela iniciativa é Klever José Coral, superintendente da Coplacana. Segundo ele, ao fazer um planejamento estratégico em 2017, a cooperativa decidiu criar uma área exclusivamente dedicada à inovação e à tecnologia, a fim de assessorar os associados sobre o tema. Em 2018, foi lançado o Avance, que agora já conta com mais de 10 produtos e serviços à venda.

“O grande negócio do Avance é partir da demanda e procurar as melhores soluções para resolver as

dores de nossos cooperados. É um hub de informações e depois de distribuição. A gente vai ao mercado por meio de parcerias com outros hubs, universidades, centros de pesquisa e iniciativa privada. Partimos em uma jornada para, além de identificar, ofertar esses serviços e produtos de forma assertiva. Eles são comercializados dentro das lojas da Coplacana”, explica Klever.

Segundo o superintendente, esse modelo garante não apenas a solução mais adequada às necessidades do comprador, mas preços atraentes. Como os negócios são fechados com vários produtores ao mesmo tempo, é possível chegar a cenários mais vantajosos. “Se a gente vai pegar um voo de drone, eu já fecho uns 1.000 hectares”, exemplifica.

Klever destaca que todas as startups e empresas parceiras são chanceladas pela equipe da Coplacana, que conta com mais de 120 agrônomos e técnicos. “O Avance trabalha com o modelo de *open innovation*. É uma rede de conhecimento que a gente começa a acessar. Muitas vezes, para oferecer o que o cooperado precisa, são necessárias duas ou três empresas para cruzar essas informações e ofertar o produto. Quando ele vem buscar, já está tudo ‘mastigado’”, acrescenta.

**“O GRANDE NEGÓCIO DO AVANCE É PARTIR DA DEMANDA E PROCURAR AS MELHORES SOLUÇÕES PARA RESOLVER AS DORES DE NOSSOS COOPERADOS. É UM HUB DE INFORMAÇÕES E DEPOIS DE DISTRIBUIÇÃO.”**

**Klever José Coral,**  
superintendente da  
Coplacana

Atualmente, o principal foco do Avance é a área de agricultura de precisão. No entanto, o objetivo é abrir outras frentes, como bioinsumos e *fintechs* que ofereçam opções de seguros e crédito agrícola.

## Energia que une

Na categoria Intercooperação está o próprio cerne do cooperativismo: Juntos somos mais fortes. Foi com base nesse princípio que a Certel, cooperativa de infraestrutura, se uniu a quatro cooperativas de crédito — Sicredi Ouro Branco, Sicredi Integração RS/MG, Sicredi Região dos Vales e Sicredi Botucaraí — para viabilizar algo inédito. Um financiamento no valor de R\$ 48 milhões, concedido pelas cooperativas de crédito, para viabilizar a construção da usina hidrelétrica Vale do Leite.

“Normalmente, essas grandes obras são financiadas por bancos privados. Em algumas tratativas com o Sicredi, se buscou a possibilidade de financiar. Mas, como o valor era muito alto, se efetivou uma negociação com outras, e elas se reuniram e bancaram esse financiamento”, explica o presidente da Certel, Erineo Hennemann. O projeto foi batizado de **A Energia que nos Une**.

A hidrelétrica será construída no Rio Grande do Sul, entre os municípios de Pouso Novo e Coqueiro Baixo. “Essa usina está no sistema interligado e vai gerar energia para 20 mil consumidores. A grande vantagem de ter energia de cooperativa está na qualidade no fornecimento, no relacionamento fácil entre associado e cooperativa, e também estamos com um preço cada vez melhor. E aí, esse modelo de negócios fica com uma característica mais social”, destaca Erineo.

Segundo o presidente da Certel, as cooperativas de crédito conseguiram oferecer condições semelhantes às de grandes bancos, com taxas e prazos vantajosos.

“Isso nos favorece porque é uma relação também intercooperativa, o que facilita todas as tratativas. Com essa intercooperação, nós vamos gerar energia limpa, responsável e 100% cooperativa. Vai incrementar emprego, renda e o desenvolvimento regional”, comenta.

A energia gerada abastecerá o agronegócio da região, com produção de leite, milho, soja e criação de suínos e frango, além de fumiçultura. ■

## Conheça os Influenciadores Coop

A categoria Influenciadores Coop foi criada nesta edição do Prêmio SomosCoop para reconhecer personalidades quem têm divulgado o propósito e os diferenciais do cooperativismo para a população. As unidades estaduais do Sistema OCB fizeram a indicação de 33 influenciadores. Em seguida, uma comissão julgadora, indicada pela coordenação geral do prêmio, definiu oito finalistas. Os três melhores foram escolhidos em votação popular realizada, pela internet, entre outubro e novembro de 2020. Saiba quem foram os vencedores:



### EVAIR DE MELO

Deputado federal do PP pelo Espírito Santo, Evair de Melo é presidente da Frente Parlamentar pelo Cooperativismo (Frencoop). Com 11,7 mil seguidores, o perfil do parlamentar no Instagram tem posts sobre sua atividade no Congresso e o agronegócio. É técnico agrícola e degustador de café.



### MARCO AURÉLIO ALMADA

Presidente do Bancoob, Marco Aurélio Almada dedica seu espaço nas redes sociais a promover o cooperativismo financeiro. Com 3,7 mil seguidores, seu perfil no Instagram divulga lives, palestras e textos sobre finanças e cooperativismo de crédito.



### RITA MUNDIM

Economista e comentarista da Rádio Itatiaia, em Minas Gerais, Rita Mundim tem 5,6 mil seguidores no Instagram e 1.290 inscritos em seu canal no YouTube. Rita faz vídeos em que fala sobre economia nacional, vida financeira e investimentos de maneira acessível.

## FERRAMENTAS PARA CONQUISTAR O

# mercado internacional

Por Luciana Vieira

O ano de 2020 encerrou-se com uma boa notícia para milhares de cooperativas brasileiras que planejam alcançar o mercado internacional. A Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB) e a Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex-Brasil) firmaram um Acordo de Cooperação Técnica (ACT) para incrementar ainda mais as vendas de produtos brasileiros no exterior.

O documento, assinado em novembro, prevê o intercâmbio de informações e o desenvolvimento de inteligência comercial para apoiar o segmento, promovendo a qualificação para exportação, além da difusão da cultura exportadora no setor. A promoção das cooperativas nos mercados estrangeiros inclui o apoio na participação em eventos presenciais e virtuais, rodadas de negócios, feiras e missões. Além disso, amplia recursos e estruturas para expandir a visibilidade no exterior.

Como as exportações de produtos oriundos das cooperativas não dependem apenas da capacidade de produção, é necessário atender a requisitos internacionais para alcançar resultados, como conhecer as regras para rotulagem, padronização de produtos e questões sanitárias. Na prática, o acordo representa a abertura de uma fronteira gigante com a preparação das cooperativas para chegarem a mercados de qualquer país do mundo.

Na avaliação do presidente do Sistema OCB, Márcio Lopes de Freitas, a assinatura do acordo significa uma nova fase do movimento cooperativista. “Já temos certa tradição, entre as cooperativas, no

que diz respeito ao processo de exportação de algumas grandes *commodities*, mas queremos ampliar essa base, e o cooperativismo necessita desta alavanca, desta ajuda para continuar crescendo e aumentando o seu espaço no mercado internacional. Por isso, fomos buscar essa aliança com quem entende do assunto”, disse, referindo-se à Apex-Brasil, que há 20 anos atua para promover os produtos e serviços brasileiros no exterior, além de atrair investimentos estrangeiros para setores estratégicos da economia brasileira.

Otimista, Márcio Lopes de Freitas considera o acordo muito mais que um convênio. Segundo o presidente, a parceria já nasce com projetos sólidos para a construção de espaços para as cooperativas — não só as grandes, mas também as de menor porte. “Queremos atuar com frutas e produtos da Amazônia, produzidos nas agroflorestas, frutas do Nordeste e do Cerrado, produtos com valor agregado diferente. Vamos dar canal de vazão aos produtos agropecuários brasileiros, que são muito importantes para rentabilizar e manter uma qualidade de vida cada vez maior, sem falar na capacidade de aumentar a geração de empregos que podemos dar na base”, explica.

## Sinergia

Durante o evento da assinatura do acordo, realizado *on-line* e transmitido ao vivo pela internet, o presidente da Apex-Brasil, Sérgio Segóvia, fez questão de destacar a importância do cooperativismo para o País. Para ele, o movimento remete ao pensamento coletivo de união para enfrentar os desafios e facilitar o desenvolvimento, permi-

**OCB E APEX-BRASIL  
FIRMAM ACORDO  
PARA ESTIMULAR  
AS EXPORTAÇÕES  
DE PRODUTOS DAS  
COOPERATIVAS  
NACIONAIS**



**“A APEX TEM INTERESSE EM QUE O SETOR COOPERATIVO BRASILEIRO SEJA RECONHECIDO NO MUNDO INTEIRO PELA SUSTENTABILIDADE E RESPONSABILIDADE SOCIAL, QUE É A MARCA, É A CARA DO COOPERATIVISMO BRASILEIRO.”**

**Sérgio Segóvia,**  
presidente da Apex-Brasil

tindo mais integração entre produtores e empresários por meio dos seus mais diversos arranjos.

“São 450 mil empregos diretos, R\$ 350 bilhões em ativos e R\$ 260 bilhões em receitas geradas. Estimo que, de tudo o que consumimos no Brasil, metade é originado no ambiente cooperativista. Esses números apenas ratificam o potencial desse segmento.” Na ocasião, Segóvia salientou as ações da Organização das Cooperativas Brasileiras. “Muito do que somos hoje, em termos de cooperativismo, deve-se ao exemplar trabalho de fomento e representação que a OCB vem empreendendo ao longo dos últimos 50 anos. A OCB não representa apenas números expressivos, mas também valores intangíveis que as cooperativas produzem em benefício do desenvolvimento nacional, como a igualdade e as oportunidades, e suas entregas voltadas para a sustentabilidade econômica, social e ambiental”, concluiu.

Apesar da sinergia que já existia entre as duas instituições, sobre-

tudo em relação às cooperativas do agronegócio, o acordo permitirá a customização das ações da Apex para o setor, por conta das diferenças que existem entre a estrutura das cooperativas e das empresas convencionais, que já fazem parte da rotina da Apex.

Neste fortalecimento da integração da cadeia produtiva do agronegócio com foco nas ações voltadas para o mercado internacional, o acordo vai promover o intercâmbio de informações entre as partes. A inteligência de mercado vai apoiar as cooperativas brasileiras, inicialmente, na sua qualificação para exportação e fundamentalmente para consolidar a cultura exportadora no setor. Segundo a Apex-Brasil, existem cerca de 120 cooperativas que já exportam, mas ainda há um espaço enorme para ampliar essa participação.

Para isso, serão desenvolvidas ações no Brasil e no exterior, com feiras, rodadas de negócios, qualificação, estudos sobre competitividade, entre outras atividades. “A Apex tem interesse em que o

setor cooperativo brasileiro seja reconhecido no mundo inteiro pela sustentabilidade e responsabilidade social, que é a marca, é a cara do cooperativismo brasileiro”, mostra o gerente de Agronegócio na Apex-Brasil, Márcio Rodrigues.

A cooperação ainda contará com o apoio do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), e do Ministério das Relações Exteriores (MRE). A expectativa é promover oportunidades de negócios internacionais com uma gama de serviços oferecidos pela Apex-Brasil por meio dos seus escritórios no exterior a partir da relação direta com as embaixadas brasileiras, o que vai permitir uma atuação mais robusta do cooperativismo nacional no mundo.

A ministra da Agricultura, Tereza Cristina, também participou do evento. Ela acredita que a internacionalização trará uma expertise maior para as cooperativas, sobretudo para as médias e as pequenas. “Esse projeto já nasce com muito sucesso. A minha certeza do nosso sucesso é com base na qualidade das cooperativas brasileiras, com o que podemos levar para fora, com o que iremos trazer de volta, com a competência comprovada da Apex e da OCB, além da vontade de todos do Mapa”, disse, confiante.

## Cliente Externo

Os benefícios da exportação são imensuráveis para as cooperativas. Irineo da Costa Rodrigues, diretor presidente de uma das maiores cooperativas do país, a Lar, destaca a proteção cambial como uma das vantagens de conquistar o mercado internacional. “Importamos em uma moeda es-

trangeira, em uma moeda forte. E, quando exportamos também nesta moeda, estamos nos protegendo, afirma.

Como cada cliente estrangeiro tem as suas características específicas, as equipes das cooperativas precisam se dedicar para aprender mais, conhecer culturas, costumes e, sobretudo, as exigências dos clientes, estimulando as cooperativas a alcançar um patamar mais elevado. “Não que os clientes internos não sejam importantes. Sim, são importantes, exigentes, mas, à medida que exportamos para cinco continentes, isso nos traz uma realidade nova e que efetivamente faz com que a cooperativa tenha que pensar muito”, analisa o representante da Lar.

E, claro, sem faltar o entendimento técnico para atender às demandas do mercado externo — que são muitas — com barreiras, de ordem sanitária e econômica, com os países se protegendo muitas vezes em bloco para não permitir concorrência de produtores, de cooperativas brasileiras com produtores locais e de outros países. Por isso, ser competitivo, estar atualizado, aprendendo constantemente, e ter o conhecimento como palavra de ordem, praticada no dia a dia, foram os principais desafios enfrentados pela Lar, mas que já fazem parte da rotina da cooperativa.

Uma das ferramentas encontra-

**“ESSE PROJETO JÁ NASCE COM MUITO SUCESSO. A MINHA CERTEZA DO NOSSO SUCESSO É COM BASE NA QUALIDADE DAS COOPERATIVAS BRASILEIRAS, COM O QUE PODEMOS LEVAR PARA FORA, COM O QUE IREMOS TRAZER DE VOLTA, COM A COMPETÊNCIA COMPROVADA DA APEX E DA OCB, ALÉM DA VONTADE DE TODOS DO MAPA”**

**Tereza Cristina,**  
ministra da Agricultura



**“AS COOPERATIVAS NÃO PODEM FICAR DE FORA, MUITO PELO CONTRÁRIO. ELAS DEVEM ASSUMIR O PAPEL DE PROTAGONISMO, OU SEJA, ESTAR À FRENTE EM ALGUNS MERCADOS, PORQUE PRODUÇÃO, NÓS TEMOS; SABEMOS FAZER. NÓS TEMOS QUALIDADE E PODEMOS GARANTIR ESSA QUALIDADE AOS NOSSOS CLIENTES.”**

**Irineo da Costa Rodrigues,**  
diretor presidente da Lar

das pela Lar, que tem sede em Medianeira, no interior do Paraná, foi investir na área de inovação. A cooperativa entendeu que seria necessário investir em estudo, tanto que lançou, em setembro, a Lar Universidade Corporativa. “A educação faz parte do quinto princípio do cooperativismo e está na nossa essência. Temos muitos talentos dentro de casa, verdadeiras joias que precisam ser lapidadas”, afirmou o diretor presidente da Lar. A Universidade é um grande guarda-chuva, com cursos de terceiro grau focados nas necessidades da cooperativa, além dos cursos já ministrados de nível médio, mais os cursos de curta, média e longa duração. “A inovação é o que precisamos estar sempre buscando”, frisa o diretor presidente. A Lar possui um programa de inovação estruturado há diversos anos, com comitês internos, específicos, inclusive com comitê de inovação envolvendo associados, agricultores, produtores e técnicos da cooperativa.

Aliás, a inovação é um dos grandes instrumentos que permitiram que a Lar se consolidasse como uma das principais cooperativas exportadoras do Brasil. Ela, que

detém suas principais operações no oeste do Paraná, além de unidades em Mato Grosso do Sul, Santa Catarina e Paraguai, vende seus produtos para 76 países. A Lar tem foco na produção de grãos e industrialização de aves, cujo abate conta 730 mil por dia, sendo 55% exportadas para a China, o Japão e a Europa. “Não tenho dúvidas de que, por estarmos exportando para o resto do continente americano, Europa, Ásia e países árabes, nós precisamos estar muito atualizados”, avalia Rodrigues.

As exportações também são uma excelente oportunidade para as cooperativas darem vazão à produção brasileira. De acordo com o Mapa, o agronegócio representa mais da metade do total da pauta de exportações brasileiras; por isso, a importância de as cooperativas fazerem um esforço para participarem dessas oportunidades. “As cooperativas não podem ficar de fora, muito pelo contrário. Elas devem assumir o papel de protagonismo, ou seja, estar à frente em alguns mercados, porque produção, nós temos; sabemos fazer. Nós temos qualidade e podemos garantir essa qualidade aos nossos clientes”, conclui o diretor da Lar, que possui 11.700 associados e 18.300 trabalhadores, sendo a cooperativa singular que mais emprega no Brasil. A Lar encerrou 2019 com faturamento de quase R\$ 7 bilhões. ■



*O que você tem para celebrar em um ano de desafios e incertezas?*



**FABÍOLA NADER MOTTA**  
Gerente de Relações Internacionais do Sistema OCB

**Q**ue 2020 foi um ano, no mínimo, desafiador tanto para as pessoas quanto para as organizações, todo mundo sabe. Em meio a uma pandemia sanitária, tivemos que lidar com dificuldades econômicas, com o isolamento social e muitos, de um dia para o outro, precisaram inovar nos processos, produtos e serviços.

Com tantas vidas perdidas, negócios fechando e preocupações com o futuro, muitas vezes parece errado fazer qualquer comemoração pública de resultados em 2020. Nossa equipe passou por essa dúvida. Tínhamos previsto para novembro a 12ª edição do nosso prêmio para as melhores cooperativas do ano.

*E nos perguntamos: tem clima para isso? Não sabíamos se a premiação seria bem recebida, se teria inscrições suficientes ou se as pessoas iam querer comemorar qualquer coisa que seja nesse ano tão diferente...*

Resolvemos arriscar. Porque precisamos identificar e celebrar o que está dando certo, as iniciativas que foram colocadas em prática e como as cooperativas se organizaram para ter resultados, mesmo em um cenário de dificuldades. E, principalmente, porque assim também reconhecemos cada pessoa que está por trás dessas conquistas, inovan-

do, superando adversidades e se esforçando para rapidamente rever prioridades e caminhos.

E como a nossa aposta valeu a pena! O retorno foi o melhor possível. O ano de 2020, acreditem, foi nosso recorde no número de cases apresentados no Prêmio SomosCoop Melhores do Ano — 595, de 320 cooperativas, em 22 estados. Antes, no formato presencial, em torno de 300 pessoas participavam da cerimônia de premiação. Nesta semana, no formato virtual, mais de 3.800 pessoas **assistiram ao evento no nosso canal do YouTube!** Fora a emoção de ler as iniciativas apresentadas: psicólogos que criaram uma plataforma de baixo custo para atender virtualmente mantendo a qualidade do serviço; construção de lavatórios sustentáveis nas comunidades; teleatendimento gratuito para tirar dúvidas sobre a Covid-19; marketplace para divulgação de produtos e serviços da comunidade.

*Então, a lição que ficou é: vale a pena comemorar! Somos seres humanos que precisamos de conexão, reconhecimento e celebração. Mesmo nos momentos mais difíceis — talvez especialmente deles —, precisamos celebrar nossos resultados positivos e conhecer exemplos para nos inspirar.*

Tire um tempo para identificar quais foram suas conquistas e não se esqueça de reconhecer, agradecer e dividir com quem esteve junto com você. Isso motiva todos a continuar, ainda que navegando em um cenário de incertezas. ■



*“Monja Coen,  
qual é o sentido da vida?”*



Ilustração: Kleber Sales

SOU.COOP

# Venha fazer parte de um cooperativismo mais forte!

VAMOS JUNTOS CONSTRUIR O MAIOR BANCO DE DADOS CADASTRAIS DO COOPERATIVISMO BRASILEIRO.

Precisamos entender a realidade das cooperativas, para desenvolver as melhores soluções e estratégias e divulgar cada vez mais o setor.

É MUITO FÁCIL PARTICIPAR:

acesse a plataforma SOU.COOP e mantenha o cadastro da sua cooperativa sempre atualizado.



[www.sou.coop.br](http://www.sou.coop.br)

somoscoop

44 SistemaOCB



sistemaocb



**Vem ser coop!**  
Tudo ao  
seu redor **já é.**



VEN COM A GENTE  
**somos.coop.br**



**somoscoop**

**O cooperativismo está em toda parte.** Nas soluções financeiras que facilitam a sua vida e nos cuidados com a sua saúde. Está também no transporte que você pega, nas viagens que você faz, na indústria e até na geração de energia elétrica. É um modelo de negócio que gera a renda para muita gente. É desenvolvimento econômico e também social. É crescer junto: pessoas, cooperativa e a comunidade inteira. Os cooperados? São mais de quinze milhões de brasileiros.

**O Guga já faz parte. E você também pode fazer.**

Acesse nossas redes e descubra o que mais o coop pode fazer por você e pelo país.